



FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER



por diversos
ESPÍRITOS

POETAS REDIVIVOS.

FRANCISCO C. XAVIER

**TROVAS DO OUTRO
MUNDO**

(1ª edição)

O prazer espiritual conjugado ao bom gosto literário, eis o que os leitores encontrarão num punhado de trovas recebidas através da mediunidade de Chico Xavier.

Mais de 50 trovadores, que se consagraram, quando encarnados, por suas magníficas e sempre admiradas produções poéticas, voltam do Além, mais vivos e mais inspirados do que nunca, e nos ofertam "gemas preciosas do pensamento, em sínteses de consolo e esperança, beleza e ensinamento, paz e luz".

Cada assunto, e são ao todo cerca de uma centena, é tratado em apenas algumas quadrinhas, as quais, apesar de pequeninas, dizem um mundo de grandes verdades.

Quanto lerem e meditarem esta obra se certificarão, por si mesmos, da importância dela nos dias atuais.

Peço, amigo leitor, o catálogo de Livros Espiritas editado pela FEB, e ele te será remetido gratuitamente pelo Correio.

Presente
aos Amigos
das Higieis

Francisco Cândido Xavier

Poetas Redivivos

(OBRA MEDIÚNICA)



(1ª edição)

10.000 exemplares



FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA
(Departamento Editorial)
Rua Souza Valente, 17 e Avenida Passos, 30
Rio, Gb — ZC-08

Índice

Págs.

<i>Ante-sala</i> , EMMANUEL	9
1 — Onde estiveres, <i>Auta de Souza</i>	11
2 — Cantiga de esperança, <i>Maria Dolores</i>	12
3 — Restauração, <i>Valentim Magalhães</i>	15
4 — O Genro-neto, <i>Cornélio Pires</i>	16
5 — Hino de Fé, <i>Cruz e Souza</i>	18
6 — Moeda, Deus te abençoe, <i>Auta de Souza</i>	19
7 — Descarnação, <i>Olegário Mariano</i>	21
8 — Bendito sejas, <i>Maria Dolores</i>	22
9 — Nos dois lados, <i>Cornélio Pires</i>	24
10 — Rendendo graças, — Aos companheiros de Pi- rapitingui, — Liberto, enfim..., <i>J. Gonçalves</i>	25
11 — Trabalho, <i>Alfredo Nora</i>	28
12 — Provação materna, <i>Valentim Magalhães</i>	29
13 — Juquinha, <i>Cornélio Pires</i>	30
14 — Cantiga do perdão, <i>Maria Dolores</i>	31
15 — Eterna lei, <i>Autero de Quesada</i>	34
16 — Entre o Céu e a Terra, <i>Olegário Mariano</i>	35
17 — Deus espera por ti, <i>Maria Dolores</i>	36
18 — Não fujas, <i>Arnold Souza</i>	38
19 — O Livro Divino, <i>Castro Alves</i>	39
20 — Vida — Diante da Terra, <i>Edmundo X. de Barros</i>	42
21 — Alma Irmã, <i>Tondela Júnior</i>	45
22 — O poço e a roseira, <i>Antônio Félix</i>	46
23 — Liberdade, <i>Cruz e Souza</i>	47
24 — Conversa em casa, <i>Casimiro Cunha</i>	48
25 — Poema de gratidão, <i>Abílio Barreto</i>	50
26 — Escreve, <i>Leôncio Correia</i>	51

Composto e impresso
nas oficinas da
— FEDERAÇÃO —

51-RA; 9.951-L; 1969

Págs.

27	— Riqueza intocada, <i>Dario Veloso</i>	52
28	— O obsessivo, <i>Cornélio Pires</i>	53
29	— Era Nova, <i>Orlando Teixeira</i>	54
30	— Bailarina, <i>Cícero França</i>	55
31	— Ao encontro do Além, <i>Félix Pacheco</i>	56
32	— Lei, <i>Constância Alves</i>	57
33	— Quintino do Quilombo, <i>Cornélio Pires</i>	58
34	— Coragem, <i>João de Deus</i>	59
35	— Palavras de Caridade, <i>Auta de Souza</i>	61
36	— Terra Mater, <i>Alves de Faria</i>	62
37	— Saudade vazia, <i>Jorge Faleiros</i>	63
38	— Oração diante da injúria, <i>Lobo da Costa</i>	64
39	— Alcoólatras, <i>Honório Armond</i>	65
40	— Santa maternidade, <i>Epiphânio Leite</i>	66
41	— A porta, <i>Manoel Monteiro</i>	67
42	— Causa e efeito, <i>Silva Ramos</i>	69
43	— Destinação, <i>Maciel Monteiro</i>	70
44	— Deus quer misericórdia, <i>Maria Dolores</i>	71
45	— Ascensão, <i>Vallado Rosas</i>	73
46	— Prisioneiro, <i>Cruz e Souza</i>	74
47	— O enfeitado, <i>Narcisa Amália</i>	75
48	— Do Céu à Terra, <i>Antônio Azevedo</i>	76
49	— Em louvor da esperança, <i>Maria Dolores</i>	77
50	— Sempre amor, <i>Jorge Matos</i>	79
51	— Divina estrela, <i>Auta de Souza</i>	80
52	— O Cristo e o Livro, <i>Constância Alves</i>	81
53	— No último dia, <i>Antero de Quental</i>	82
54	— Estudo, <i>Alfredo Nora</i>	83
55	— Vencedor, <i>Carlos Bittencourt</i>	84
56	— Regra de paz, <i>Casimiro Cunha</i>	85
57	— Divina sílaba, <i>Americano do Brasil</i>	87
58	— Tempo, <i>José Cirilo das Chagas</i>	88
59	— Renascença da alma, <i>Epiphânio Leite</i>	89
60	— Panorama do umbral, <i>Honório Armond</i>	90
61	— Hora da morte, <i>Azevedo Cruz</i>	91
62	— Página ao homem, <i>Alceu Wamosy</i>	92
63	— Antevisão, <i>Caetano Pero Neto</i>	93
64	— Tempo e nós, <i>Constância Alves</i>	95

Págs.

65	— Mater, <i>Carlos Bittencourt</i>	96
66	— Culpa e resgate, <i>Valentim Magalhães</i>	97
67	— O bicho oculto, <i>Cornélio Pires</i>	98
68	— O Reino, <i>Zeferino Brazil</i>	99
69	— Sigamos além, <i>João de Deus</i>	100
70	— A vida e o tempo, <i>Jorge Matos</i>	102
71	— Desobsessão, <i>Leônicio Correia</i>	103
72	— Onde Jesus espera, <i>Auta de Souza</i>	104
73	— Prova difícil, <i>Cornélio Pires</i>	105
74	— No século XX, <i>Augusto dos Anjos</i>	106
75	— Livre, enfim!..., <i>Sabino Silva</i>	107
76	— Quem escreve, <i>Cármen Cunha</i>	108
77	— O homem e a morte, <i>José Cirilo das Chagas</i>	110
78	— Recordações em Leopoldina, <i>Augusto dos Anjos</i>	111
79	— Glória à reencarnação, <i>Honório Armond</i>	114
80	— Deslumbramento, <i>Olegário Mariano</i>	115
81	— Alguém, <i>Auta de Souza</i>	116
82	— Súplica de filho, <i>Luis Roberto</i>	117
83	— Gratidão, <i>Maria Dolores</i>	118
84	— Espera ainda..., <i>Vallado Rosas</i>	120
85	— A lição do lenho, <i>Arthur de Salles</i>	121
86	— Agradeço, Senhor!, <i>Maria Dolores</i>	122
87	— Salve, imortalidade!, <i>Gustavo Teixeira</i>	124
88	— Maria Boneca, <i>Epiphânio Leite</i>	125
89	— Dor, <i>Alfredo Nora</i>	126
90	— Ante a verdade, <i>Leopoldo de Bulhões</i>	127
91	— Essa mendiga..., <i>Irene S. Pinto</i>	128
92	— Rogativas, <i>Zeferino Brazil</i>	131
93	— Oração ao céu do Brasil, <i>Pedro D'Alcântara</i>	132
94	— Sublime encontro, <i>Auta de Souza</i>	133
95	— Desengano, <i>Cornélio Pires</i>	134
96	— Enquanto, <i>João Coutinho</i>	135
97	— Suicida, <i>Honório Armond</i>	137
98	— Caso de morte, <i>Cornélio Pires</i>	138
99	— Fim de prova, <i>Epiphânio Leite</i>	140
100	— Dona Branca, <i>Silva Ramos</i>	141
101	— Reencarnação, <i>Alfredo Nora</i>	142
102	— Aspiração, <i>Maciel Monteiro</i>	143

	<i>Págs.</i>
103 — Deus te abençoe, <i>Irene S. Pinto</i>	144
104 — O avarento, <i>José Cirilo das Chagas</i>	146
105 — Caridade, <i>Irene S. Pinto</i>	147
106 — O tesouro, <i>Cornélio Pires</i>	149
107 — Deus conta contigo, <i>Maria Dolores</i>	150
108 — Glória ao bem, <i>Cruz e Souza</i>	152
109 — Mensagem da compaixão, <i>Carlos Bittencourt</i>	153
110 — Solilóquio, <i>João Guedes</i>	154
111 — Jesus, <i>Amaral Ornellus</i>	155
112 — Novo conto de Natal, <i>Francisca Clotilde</i>	156
113 — Deus te vê, <i>Maria Dolores</i>	161

ANTE-SALA

Eles, os poetas, voltam do País da Luz, cantando outra vez.

Muitos deles, nos escuros labirintos de ontem, mergulhavam o tesouro da inspiração nas correntes espessas do pessimismo e da angústia; hoje, porém, redivivos no Mundo Maior, acendem a flama do próprio estro, clareando-nos o caminho.

Bastas vezes, agora, se referem à dor, mas unicamente para nomeá-la por trilha ascendente no rumo da perfeita alegria. Falam de saudade e sonho, provação e lágrima, mostrando-lhes a função de cinzeis no barulhamento do espírito.

Pássaros da inteligência, cindindo o espaço da grande libertação, voltam a reconfortar os irmãos que ainda se debatem no visco das paixões terrenas, arrastando o pesado lastro do sofrimento reparador, restaurando-lhes a força e reavivando-lhes a esperança. E, nessa faíscas bendita de esparzir compreensão e alegria, ensinamento e consolo, expressam-se no idioma que lhes é peculiar, comunicando vida nova a quantos lhes respirarem a faixa de ideal e beleza.

Efetivamente, dispensariam qualquer apresentação no limiar deste livro que lhes consubstancia a mensagem de paz e amor; entretanto, cala-se-nos a voz, diante dos labores artísticos em que se lhes vazam, nestas pá-

ginas, a ideia e a emoção, para que lhes identifiquemos tão-somente o anseio de espalhar sobre a Terra as sementes do progresso espiritual.

Irmãos da Luz, esquecem a senda de sombras que atravessaram no mundo e, convertidos todos eles, em vezilários da alvorada, reúnem-se aqui para proclamarem às criaturas irmãs da Terra que, além da morte, a vida não cessa, tanto quanto, para lá da noite, desabrochará sempre o fulgor de novo dia.

Ao contemplá-los, emergindo de novas Castálias da Imortalidade Triunfante, saudamos neles — companheiros beneméritos — toda uma legião de construtores da Era Nova, rogando ao Senhor da Vida, não só para que nos predisponha a receber-lhes proveitosamente a visita edificante e renovadora, mas também para que os enalteça e abençoe.

EMMANUEL

Uberaba, 1 de Agosto de 1969.

1

Onde estiveres

Enquanto o dia canta, enquanto o dia
Esperanças e flores te revela,
Segue na estrada primorosa e bela
Da bondade que atende, ampara e cria.

Não desprezes o tempo que te espia
Por santa e infatigável sentinela...
E, alma do amor que se desencastela,
Perdoa, alenta e crê, serve e confia.

Lembra-te, enquanto é cedo! Tudo, tudo
O tempo extingue generoso e mudo,
Menos o Eterno Bem que, excelso, arde...

E onde estiveres, torturado embora,
Faze do bem a luz de cada hora,
Antes que a dor te ajude, triste e tarde!

AUTA DE SOUZA

Cantiga de Esperança

Alma querida,
 Por mais que o mundo te atormente
 A fé simples e boa,
 Por mais te lance gelo na alma crente,
 Na sombra que atraíçoa,
 Alma sincera,
 Escuta!...
 Sofre, tolera, aprende, aperfeiçoa,
 Porque, de esfera a esfera,
 Ninguém consegue a palma da vitória,
 Sem apoio na luta.

Espera, que a esperança é a luz do mundo —
 Oculta maravilha —
 Que, em toda a parte, se revela e brilha
 Para a glória do amor.
 A noite espera o dia, a flor o fruto,
 O espinho a rosa, o mármore o buril,
 O próprio solo bruto
 Espera o lavrador
 Armado de atenção, arado e zelo...
 O verme espera o sol para aquecê-lo.

A fonte amiga que se desentranha
 Do coração de pedra da montanha,
 Enquanto serve, passa e se incorpora
 Aos encargos do rio que a devora,
 E espera descansar,
 Quando chegue escondida
 A paz da grande vida
 Que há no seio do mar.

Seja o que for
 Que venhas a sofrer,
 Abraça o lema regenerador
 Do perdão por dever.

Leva pacientemente o fardo que te leva,
 Entre o rugir do vento e o praguejar da treva...
 Abençoa em caminho
 Os açoites da angústia em torvo redemoinho;
 Onde não possas, coração,
 Entretecer a alegria de louvar,
 Cala-te em oração
 E segue sem parar,
 Amando, restaurando, redimindo...

Edificando, em suma,
 Não te revoltas contra coisa alguma!...
 Ao vir a tarde mansa,
 Na doce quietação crepuscular,
 Quando a graça do corpo tomba e finda,
 Verás como foi alta, nobre e linda
 A ventura de esperar.

E, enquanto a noite avança
Para dar-te as visões de uma alvorada nova,
Nas asas da esperança,
Bendirás a amargura, a dor e a prova,
Agradecendo à Terra a bênção de entendê-las.
Subirás, subirás
Para o ninho da luz nas estâncias da paz,
Que te aguarda, tecido em radiações de estrelas!...

Então, compreenderás
Que, além do mais Além —
No Coração da Altura —
Deus trabalha, Deus sonha, Deus procura,
Deus espera também!...

MARIA DOLORES

3

Restauração

Vejo-te, herói marcial... Soam clarins e trompas.
Brandes a espada ao sol, estrondeia a batalha!...
Gritas, no infando caos e, ao grito da metralha,
Lamenta o povo a guerra, a pedir que a interrompas.

Ao teu carro triunfal de púrpuras e pompas,
Tudo treme, maldiz, soluça e se estraçalha...
Segues e o próprio chão faz-se fogo e fornalha,
Nem cerco, assédio, praça ou muro que não rompas!...

Amedalhado soba, ergues, árdego, a pluma!...
Surge a morte, no campo, e o peito se te embruma...
Vencido, as emoções em blasfêmias sublevas!...

Mas, reencarnado, enfim, guardas, por elmo e escudo,
O corpo mutilado, inerte, surdo, mudo,
E o choro de quem lembra o naufrágio nas trevas!...

VALENTIM MAGALHÃES

O Genro-neto

Toda sogra que há na vida,
No caminho meu ou teu,
Será sempre mãe querida
— Outra mãe que o Céu nos deu.

Deus recomenda isso em paz,
Se hoje estás na oposição.
Mais tarde, concordarás
Na lei da reencarnação.

Guarda esta simples verdade —
Das lições de mais valor:
Deus criou a Humanidade
Para a vitória do amor.

Se não crês no que te digo,
Se estimas lutas no lar,
Escuta, meu caro amigo,
A história que vou contar:

«Sogra, não! Nem à custa de madraca!»
— Gritava Nhô Tatão de Albergaria —
«Só de encontrar Nhá Bela, tenho azia,
O que sinto se vejo jararaca.»

Se a sogra vinha em casa, discutia,
Xingava o perdigueiro, punha a faca...
Mas, certa vez, Tatão, caçando paca,
Teve ataque e morreu no mesmo dia!...

Desencarnado, em trevas, quis mais prova
E renasceu da esposa, moça nova,
Em novo lar no Sítio da Cancela...

Hoje, só quer vovó, o dia inteiro,
E' um menino gorducho e beijeiro,
No colo carinhoso de Nhá Bela...

CORNÉLIO PIRES

Hino de Fé

Almas tristes da Terra, almas cansadas
 No casulo da sombra merencória,
 Que sonhais a Beleza, o Amor e a Glória
 Das sublimes esferas estreladas...

Almas que padeceis acorrentadas
 Aos tormentos da carne transitória,
 Falenas presas à sinistra escória
 Das aflições de todas as estradas!...

Aves de luz no lodo miserando,
 Desatai vossas lágrimas cantando,
 Sob as rudes algemas da ansiedade!

Louvai a angústia que vos dilacera,
 Que a santa liberdade vos espera
 Nas azuis amplidões da Imensidade...

CRUZ E SOUZA

Moeda, Deus te abençoe

Deus te abençoe o santo itinerário,
 No trabalho criador,
 Moeda que te apuras no salário
 De resgate ao suor.

Deus te guarde, moeda amiga e boa,
 Onde possa encontrar-te,
 Por alimento, estímulo e coroa
 Para as vitórias da arte.

Deus te ampare, moeda dividida,
 Entre os dons da palavra e os lauréis da leitura,
 Onde exaltes a paz, o amor e a vida,
 Ao clarão da cultura.

Deus te engrandeça, moeda pequenina,
 Que te fizeste pão
 No impulso da bondade que te ensina
 Suprimir a aflição.

Deus te louve, moeda transformada
Em divina fragrância
De alegria e de apoio, estrada a estrada,
Ao coração da infância.

Deus te abençoe, moeda que fulgura
Como beijo de aurora,
Nas mãos enregeladas de amargura
Da velhice que chora.

Deus te enobreça, moeda humilde e bela,
Dada espontâneamente
Ao braço fraternal que se desvela
No socorro ao doente.

No júbilo incessante que te agita
Quando o bem te conduz,
Moeda generosa, sê bendita
Em teu giro de luz.

AUTA DE SOUZA

Desencarnação

...E desperto, extasiado, entre a praia e a montanha...
Porque mais claro o céu, porque mais verde o mar?
O mundo em derredor é um castelo a brilhar,
Entre ogivas de prata a lua se emaranha...

Cantam vagas na areia uma balada estranha,
Guardo, alerta e feliz, o dom de reencontrar
O berço, a meninice, a voz do antigo lar,
A poesia do amor que me inspira e acompanha!...

Insone, torno ao quarto, e vejo-me deposto,
Rígido o corpo inerte, a palidez no rosto...
Será isto, Senhor, o pesar de morrer?!...

Vida, que me trouxeste à morte malsofrida,
Morte, que restituis meu coração à vida,
Quero partir, mudar, renovar, esquecer!...

OLEGÁRIO MARIANO

Bendito sejas

Bendito sejas, coração amigo,
Pelo pão que dás, à porta,
Ao companheiro que se desconforta,
Na aflição da penúria sem abrigo!...

Deus te faça feliz pela roupa que ofertas
Aos torturados do caminho,
Que tanta vez se vão no desalinho
Das feridas que trazem descobertas...

Deus te conceda o prêmio da ventura
Pela ternura sorridente
Com que levas ao doente
O amparo do remédio e a esperança da cura.

Deus te guarde na fonte da alegria,
Para lenir, no esforço a que te dês,
A orfandade e a viuvez
Que vivem para a dor de cada dia.

Deus, porém, te abençoe, coração brando e pasmo,
Com a mais sublime recompensa,
Quando olvidas a intromissão da ofensa,
O golpe da injustiça e a pedra do sarcasmo.

Deus te exalte no santo esquecimento
Do mal que te golpeia,
Reduzindo a extensão da chaga alheia
Sem cogitar do próprio sofrimento.

Bendito sejas, coração submisso,
Embora sábio entre os mais sábios,
Pela palavra boa de teus lábios,
No exemplo da bondade e do serviço,
Porque o amor transforma a sombra em luz
E o perdão, onde ampare, nunca erra,
Auxiliando a vida em toda a Terra
Para o Reino Divino de Jesus.

MARIA DOLORES

Nos dois lados

Acompanho o velório de Nhô Tino...
Desencarnara em grande bebedeira;
Mas o povo dizia a noite inteira
Que comera manga com pepino.

De tarde, sigo o enterro, a reza, o sino...
Junto à cova falou Janjão Ferreira:
— «Nhô Tino está na glória verdadeira,
Foi um santo de Deus, desde menino...»

Alguem destampa o esquite... E' a despedida...
Nhô Tino sai do corpo. Na corrida,
Gesticula, tropeça, xinga e passa...

Depois, sumiu dois anos mato afora...
Hoje, encontrei Nhô Tino, em Pirapora,
Agarrado num quinto de cachaça.

CORNÉLIO PIRES

Rendendo graças

Bendita sejas, Dor, por onde fores,
Luz sublime entre as luzes mais sublimes,
Benfeitora do Céu, que nos redimes,
Aureolada de ocultos resplendores!...

Nos teus braços maternos salvadores,
Com que, amorosa e justa, nos comprimes,
Lavei minha alma e resgatei meus crimes
De outras eras nos gozos tentadores.

Agradeço-te as portas que me abriste,
Usando a lepra — a chave escura e triste —
Que nos compele o ser a ouvir-te a sós.

Contigo, na amargura e na agonia,
Encontrei, soluçando de alegria,
O Cristo amado que morreu por nós!...

Aos Companheiros de Pirapitingui

Amados, que a verdade fortalece,
Dos portos luminosos que transponho,
Em nossa imensa luta os olhos ponho,
Na comunhão do amor envolta em prece.

O sofrimento é a luz que nos aquece,
Sinal de Deus que nos aclara o sonho,
No porvir de alegria, almo e risonho,
De ventura que nunca desfalece.

Nas dores que laceram como adagas,
Não olvideis Jesus em sangue e chagas,
No seu trono de lágrimas doridas!...

Contemplando-lhe a cruz ingrata e escura,
Lavaremos no pranto da amargura
As trevas que trazemos de outras vidas...

Liberto, enfim...

Outrora, à frente de conquistadores,
Num trono de fantásticas riquezas,
Despojando cidades indefesas,
Comandei o cortejo de esplendores!

Depois... infernos atormentadores,
Braseiros vivos, maldições acesas,
Ligado à angústia de milhões de presas,
Apunhalado o peito por mil dores...

Depois ainda... um reino de feridas,
Um sólio de aflições desconhecidas
E um cetro de degredo e solidão...

Mas, em seguida à lepra que devora,
Deslumbrado, acordei na Eterna Aurora,
De alma liberta para a redenção.

JÉSUS GONÇALVES

Trabalho

Trabalho — a santa oficina
De que a vida se engalana —
E' a glória da luta humana
De que a Terra se ilumina.

Escola, templo, doutrina
De que a alegria promana,
Serviço é força que irmana,
Cria, eleva, disciplina.

Preguiça imita a gangrena,
Estraga, arrasa, envenena
Onde vazia se enfuna.

Quem vive só de poltrona
Não melhora, nem se abona
E à morte se mancomuna.

ALFREDO NORA

Provação materna

Gritava a nobre anciã, em rede morna e lague:
— Bate, meu filho!... Zurze o chicote a preceito!...
Um servo é igual ao boi que nasceu para o eito...
E o filho, Dom Muniz, deixava o servo em sangue.

Dos salões da fazenda ao derradeiro mangue,
Esculpira a fidalga um carrasco perfeito.
Mas vem a morte, um dia, e leva o filho eleito,
A matrona pranteia e larga o corpo exangue...

No Além, cai Dom Muniz em abismos de prova!...
Aflita, a pobre mãe pede a Deus vida nova,
Quer guardá-lo, outra vez, numa estrada sem brilho...

Hoje, mulher sem lar, definha, a pouco e pouco,
E, aos duros repêlões de um jovem cego e louco,
Roga, em pranto de amor: «Não me batas, meu filho!...»

VALENTIM MAGALHÃES

Juquinha

Noite alta... Por fora de um telheiro,
O pequeno Juquinha morre ao vento...
Enjeitado e sôzinho... Está sedento,
Nas aflições do instante derradeiro.

Lembra os dias de humilde jornaleiro,
Pensa vender notícias ao relento,
Geme e delira, olhando o firmamento.
Nisso, aparece um jovem no terreiro...

Vem de manso e convida: — «Vem, Juquinha!...»
O pobre larga o corpo a que se aninha...
— «Quem é você?» — pergunta, ri-se e chora!...

— «Sou Jesus!...» — diz o moço, ao dar-lhe o braço...
E os dois sobem na luz do imenso espaço,
Numa estrada de lírios cor da aurora!...

CORNÉLIO PIRES

Cantiga do perdão

Não te iludas, amigo,
Por mais se expandam lágrimas contigo,
Todo lamento é vão...

Tudo o que tende para a perfeição,
Todo o bem que aparece e persiste no mundo
Vive do entendimento harmônico e profundo,
Através do perdão...

Perdão que lembre o sol no firmamento,
Sem se fazer pagar pelo foco opulento,
A vencer, dia-a-dia,
A escuridão da noite insondável e fria
E a nutrir, no seu longo itinerário,
O verme e a flor, o charco e o pó, o ninho e a fonte,
De horizonte a horizonte,
Quanto for necessário;
Perdão que nos destaque a lição recebida
Na humildade da rosa,

Bênção do céu, estrela cetinosa,
Que, ao invés de pousar sobre o diamante,
Desabrocha no espinho,
Como a dizer que a vida,
De caminho a caminho,
Não despreza ninguém,
E bela, generosa, alta e fecunda,
Quer que toda maldade se transfunda
Na grandeza do bem...

Perdão que se reporte
A brandura da terra pisoteada,
Esquecida heroína de paciência,
Que acolhe, em toda parte, os detritos da morte
E sustenta os recursos da existência,
Mãe e escrava sublime de amor mudo,
Que preside, em silêncio, ao progresso de tudo!...

Amigo, onde estiveres,
Assegura a certeza
De que o perdão é lei da Natureza,

Segurança de todos os misteres.
Perdoa e seguirás em liberdade
No rumo certo da felicidade.

Nas menores tarefas que realizes,
Para lembrar sem sombra os instantes felizes
Na seara da luz,
Na qual a Luz de Deus se insinua e reflete,
E' forçoso exercer o ensino de Jesus
Que nos manda perdoar

Setenta vezes sete
Cada ofensa que venha perturbar
O nosso coração;
Isso vale afirmar,
Na senda de ascensão,
Que, em favor da vitória,
A que aspiras na luta transitória,
E' mais do que importante, é essencial
Que te esqueças, por fim, de todo mal!...
E que, em tudo, no bem a que te dés,
Seja aqui, mais além, seja agora ou depois,
Deus espera que ajudes e abençoes,
Compreendendo, amparando e servindo outra vez!...

MARIA DOLORES

Eterna Lei

A Terra disse ao Tempo: — «Aonde me levas,
Cavaleiro invisível, mudo e errante,
Que a luta me renovas, cada instante,
Desde as primeiras formações longevas?

Monstro que me apavoras e me enlevas,
Porque, seguindo a passo de gigante,
Trazes a luz do dia fulgurante
E amortalhas o dia, sob as trevas?!...»

Mas o Tempo clamou: — «Escuta e lida!
Eu sou teu companheiro para a vida,
Impelindo-te aos sóis da eternidade!

Tudo altero em teu seio, pólo a pólo,
Desde as nações aos vermes de teu solo,
Menos a Eterna Lei da Caridade.»

ANTERO DE QUENTAL

Entre o Céu e a Terra

Flâneas naves triunfais cuja glória me inspira,
Contemplo-vos, de novo, além, no imenso mar...
Sóis que cindis o Azul, fito-vos a sonhar,
Sírius, Aldebaran, Canópus, Vega, Lira!...

Preso ao vosso fulgor, minha alma põe-se à mira,
Quero seguir convosco, ascender, renovar,
Mas escuto, outra vez, os lamentos do lar;
O meu ninho terrestre, em sombra, gira, gira...

Entre júbilo e dor, êxtase e desventura,
Aos apelos do amor, regresso à noite escura,
Devo tornar ao mundo e chorar, ai de mim!

A sede de amplidão arrasa-me o descanso.
Ah! Senhor, como é perto o Céu que não alcanço:
Como parece longe a Terra de onde vim!...

OLEGÁRIO MARIANO

Deus espera por ti

Não digas, coração, que Deus não tem
Necessidade do teu abraço amigo,
Quando Deus ama, serve e anda contigo
Para a glória do bem!...

Contempla, em torno, a imensa caravana
De que vais, lado a lado,
E o caminho empedrado,
Em névoa espessa da tristeza humana...

Deus aguarda o alimento
Que ainda hoje te sobre
Para atender ao prato humilde e pobre
Dos irmãos em penúria e sofrimento.

Deus espera de ti, ainda agora talvez,
A roupa que largaste em desuso ou fastio
Para vestir quem sofre, a tiritar de frio,
Entre angústia e nudez...

Deus conta receber-te a dádiva sem nome
Que quase nada ou pouco expresse embora,
Para dar pão e leite à orfandade que chora
E esmorece de fome...

Deus te pede a bondade oculta e santa
A suportar, com Ele, as lutas do caminho, —
Injúria, lodo, fel, vinagre e espinho, —
Para que o bem de todos se garanta.

Deus espera por ti, para sanar o caos
Provocado onde pises
Pelos irmãos rebeldes e infelizes
Que chamamos por maus.

Deus te reclama a voz generosa e serena
Com que fales de paz, tolerância e perdão,
A fim de remover a escuridão
Da cólera em que o mundo se envenena...

Seja agora ou depois, seja aqui, seja ali,
Onde enxergues sinais da dor alheia,
Onde a esperança morre e onde a fé bruxuleia,
Deus precisa de ti!...

Por isso, quando o bem por ti se aperfeiçoe,
Embora o mal te fira, espanque, estrague,
Diz o irmão a que apóias: «Deus te pague!...
Deus te ajude e abençoe!...»

MARIA DOLORES

Não fujas

Se a torva provação te bate à porta,
Impelindo-te à angústia estranha e intensa,
Que a tormenta de pranto te não vença
Inda mesmo a esperança quase morta.

Esquece o lodo, a lama, o espinho, a ofensa...
O sofrimento é a lúcida retorta
De fel que nos redime e nos exorta
A esperar pela Vida eterna e imensa.

De coração cansado e fronte erguida,
Sofre de alma gemente e consumida,
Sem fugir à aflição da dor que é tua!...

Dever negado é dívida crescente,
O desertor padece amargamente
E, além da morte, a vida continua...

ARNOLD SOUZA

O livro divino

Gemia a Terra humilhada,
A noite do cativoiro
Dominava o mundo inteiro
Sob o carro da opressão;
Com mandíbulas vorazes
De loba que se subleva,
Roma, encharcada de treva,
Estendia a escravidão.

Entre as águias poderosas,
Jazia Atenas vencida,
Carpia Cartago a vida
Ligada a grilhão cruel.
Na Capadócia, na Trácia,
Na Mauritânia e no Egito,
O povo chorava aflito,
Tragando cicuta e fel.

O frio invadira os templos,
Não mais Eros de olhar brando,
Nem bela Afrodite amando,
Nem Apolo encantador;

O Olimpo dormira em sombra,
Cessara a graça de Eléusis,
Não surgiam outros deuses,
Que não fóssem do terror.

Mas quando o mal atingira
O apogeu da indiferença,
Disse Deus na altura imensa:
«Faça-se agora mais luz!»
E um livro desceu brilhando,
Para a História envilecida:
Era o Evangelho da Vida,
Sob as lições de Jesus.

Tremeram dourados sólios,
O orgulho caiu de rastros;
Arcanjos vinham dos astros
Em cânticos de louvor.
Mas ao invés da vingança,
Contra o ódio, contra a guerra,
O Livro pedia à Terra:
Bondade, Perdão e Amor...

Começara o novo Reino...
Horizontes infinitos
Descerraram-se aos aflitos,
Perdidos nos escarcéus;
Os fracos e os desditosos,
Os tristes e os deserdados,
Contemplaram, deslumbrados,
Novos mundos, novos céus.

Desde então a Humanidade
Trabalha, cresce, porfia,
Ao clarão do novo dia,
Por escalar outros sóis;
E a mensagem continua,
Em sublimes resplendores,
Formando Renovadores,
Artistas, Santos e Heróis.

Espíritas, companheiros
Da grande Luz Restaurada,
Tracemos a nossa estrada,
Na glória do amor cristão;
E servindo alegremente
Na luta, na dor, na prova,
Busquemos na Boa-Nova
O Livro da Redenção.

CASTRO ALVES

VIDA (*)

Nem a paz, nem o fim! A vida, a vida apenas
 E' tudo que encontrei e é tudo que me espera!
 O ouro, a fama, o prazer e as ilusões terrenas
 São lodo, fumo e cinza ao fundo da cratera.

Esvaiu-se a vaidade!... Os júbilos e as penas,
 A alegria que exalta e a dor que regenera,
 Em cenário diverso aprimorando as cenas,
 Continuam, porém, vibrando noutra esfera.

Morte, desvenda à Terra os planos que descobres,
 Fala de tua luz aos mais vis e aos mais pobres,
 Renova o coração do mundo impenitente!

(*) Os lindos sonetos acima foram recebidos numa reunião íntima só do médium com o nosso companheiro de redação Ismael Gomes Braga, em escrita inteiramente mecânica, com letras enormes. Notámos que o nome nos era inteiramente desconhecido entre os poetas de língua

Dize aos homens sem Deus, nos círculos escuros,
 Que além do gelo atroz que te reveste os muros,
 Há vida... sempre a vida... a vida eternamente...

*

Diante da Terra

Fugiu,do embora à paz de eternos dons divinos,
 Sem furta-se, porém, à luta que aprimora,
 O homem é o sementeiro dos seus próprios destinos,
 Ave triste da noite, esquivando-se à aurora...

portuguesa e perguntámos ao Espírito onde poderíamos obter informes a seu respeito. Respondeu-nos: "Nos registos do Exército brasileiro por volta de 1899; porque fui oficial."

Em nenhuma enciclopédia encontramos o nome, mas, por intermédio de um oficial, recebemos os seguintes dados: "Capitão da Arma de Cavalaria, Edmundo Francisco Xavier de Barros, filho de Pacifico Antônio Xavier de Barros, nascido em 1861, no Estado de Goiás. Assentou praça voluntariamente no 2º Regimento de Artilharia a Cavallo, em 15 de Outubro de 1877. Alferes a 4 de Janeiro de 1890. 1º Tenente a 12 de Janeiro de 1893. Capitão a 18 de Outubro de 1901. Faleceu no serviço ativo, em 17 de Janeiro de 1905".

Por enquanto nenhum outro dado possuímos sobre o poeta invisível. Não sabemos se deixou obras literárias, se era conhecido como poeta. — *Nota de Reformador* 1947, página 294.

Em derredor da Terra, estrelas cantam hinos,
Glorificando a luz onde a Verdade mora,
Mas no plano da carne os impulsos tigrinos
Fazem a ostentação da miséria que chora!

Necessário vencer nos vórtices medonhos,
Santificar a dor, as lágrimas e os sonhos,
Do inferno atravessar o abismo igneo e fundo

Para ver a extensão da noite estranha e densa,
Que os servos da maldade e os filhos da descrença
Estenderam, sem Deus, sobre a fronte do mundo!...

EDMUNDO XAVIER DE BARROS

21

Alma irmã

Dizem-te agora trêmula velhinha,
Pálida flor no instante derradeiro;
Buscaste, em vão, na Terra, um companheiro,
Mas nem por isso foste menos minha.

Sofreste sempre, sem chorar, sôzinha,
Envolvi-te em meu sonho alvissareiro...
Quero-te as afeições do cativo
Que atravessas com garbos de rainha.

Beijo-te as mãos de cera, as cãs e as rugas,
Guardo comigo as lágrimas que enxugas,
Dou-te a esperança que me revigora...

Bendize o pranto e a sombra, alma querida,
Porque amanhã, mais jovens para a vida,
Subiremos mais juntos, céus afora!...

TONDELA JÚNIOR

O poço e a roseira

O poço retratava a roseira tristonha
 E pensava consigo: «Ah! terríveis chavelhas!
 Espinheiro infernal, quanta maldade espelhas!...
 Lâminas e punhais, infortúnios e vergonha...»

A roseira, porém, como quem serve e sonha,
 Expandiu-se e lançou lindas jóias vermelhas,
 Astro verde a luzir em formosas centelhas,
 E o poço, a condenar, fêz-se charco e peçonha!...

A cisterna infeliz, no desvão da chapada,
 Apodreceu, por fim, preguiçosa e estagnada,
 Mas a planta floriu ao sol do Grande Todo.

Alma, edifica e segue, abençoa e auxilia...
 Mal que procura o bem faz-se bem, dia-a-dia,
 Mal que fica no mal faz-se tóxico e lodo.

ANTÓNIO FÉLIX

Liberdade

Para ser livre da mundana escória,
 E alcançar a amplidão rútila e bela,
 Vence os rijos furores da procela
 Que te freme na carne transitória.

Despe os adornos da ilusão corpórea
 E abraça a estranha e rígida tutela
 Da aflição que te humilha e te flagela,
 Por teu caminho de esperança e glória.

Agrilhado à cruz do próprio sonho,
 Vara as trevas do báratro medonho,
 Nos supremos martírios da ansiedade!...

E, ave distante dos terrestres limos,
 Celebrarás na pompa de Áureos Cimos,
 A conquista da Eterna Liberdade.

CRUZ E SOUZA

Conversa em casa

O suor da paciência
Encontra a luz por remate.
Não há provação difícil,
O medo é que nos abate.

*

Conserva-te nobre e simples
Para que o bem não se torça.
Muita vez, a ingenuidade
E' grande sinal de força.

*

Venceste? Trabalha sempre,
Sem detenção no passado.
O herói que vive da fama
E' um vivo-morto enfeitado.

*

No que tange a confidências,
Fala a Deus em tua prece.

Quem melhor guarda um segredo
E' aquele que o desconhece.

*

Cultiva a reta intenção
Em tua própria defesa.
Mesmo vítima do engano,
Sinceridade é grandeza.

*

Onde tens o coração
Reténs o próprio tesouro.
O dinheiro que escraviza
E' dura algema de ouro.

*

Compra, guarda e ajunta livros,
Mas estuda, dia a dia.
Mostrar a biblioteca,
Não mostra sabedoria.

*

Perdoa e ajuda amparando
Como as terras generosas,
Que dão, em troco de estrume,
Pão e bênção, vida e rosas.

CASIMIRO CUNHA

Poema de gratidão

Lembra-me, Mãe querida, a glória que me deste,
A alegria do lar no lençol de cravinas,
A mesa, o livro, o pão e as canções cristalinas,
As preces de ninar, no humilde berço agreste.

Ao perder-te, no mundo, o carinho celeste,
Vendo-te as mãos em cruz, quais flores pequeninas,
Fui chorar-te, de balde, ao pé das casuarinas,
Buscando-te a presença entre a lousa e o cipreste!...

Entretanto, do Além, caminhavas comigo,
Vinhas, a cada passo, anjo piedoso e amigo,
Guardar-me o coração na fé radiante e calma;

E, quando a morte veio expor-me à noite escura,
Solucei de alegria, em preces de ternura,
Em te revendo a luz, conduzindo minha'alma!...

ABÍLIO BARRETO

Escreve

Escreve... A folha escrita — um pássaro que voa.
Cada cérebro — um ninho, onde a ideia produz
Amor, ódio, verdade, engano, treva, luz,
Somando mal ou bem, de pessoa a pessoa.

Escreve... A pena talha anseio, glória, cruz,
Virtude, guerra, paz, grilhão, asa, coroa...
O pensamento cria, ampara, aperfeiçoa,
Degrada, oprime, salva, ilumina, conduz!...

Escreve... Mas escolhe o assunto, o verbo, a frase.
Reconforta, constrói, levanta, ensina, traz,
Onde estejas servindo, a inspiração de escol!...

Escreve aprimorando!... O texto mesmo breve
Transforma-se no Além, conforme o que se escreve,
Em cadeia de sombra ou caminho de sol.

LEÔNICIO CORREIA

Riqueza intocada

Tudo sofre na Terra implacável mudança,
Pólo a pólo, alma a alma, em ritmo profundo,
Mês a mês, dia a dia e segundo a segundo,
A vida se refaz, aprimora-se e avança.

Reflete no museu onde a História descansa.
Bronzes, troféus, brasões, em repouso infecundo,
Mostram que a pompa humana é cinza para o mundo.
Ontem, púrpura e sol; hoje, trapo e lembrança...

Força, fama, ilusão, graça, beleza e glória
Caem da ostentação da senda transitória
Nos arquivos do tempo — o eterno sábio mudo!...

Uma riqueza só permanece intocada,
A riqueza do bem que esparziste na estrada,
Luz a esperar-te além da alteração de tudo.

DARIO VELOSO

O obsessor

Nhô Cacique, na Roça do Boi Manso,
Engolia a branquinha assossegado,
Mas dizia que estava obsedado,
Encolhido na rede de balanço.

Um dia, na sessão de Nhô Picanço,
Ele falou ao guia incorporado:
— «Ah! meu irmão, tem dó de meu estado!...
Que defunto perturba meu descanso?»

O guia disse: «Deus te fortaleça...
Pega o arado! Serviço na cabeça
Cura esse sofrimento que te abafa!...

Morto que te persegue, Nhô Cacique,
E' a cana doce, morta no alambique,
Enterrada na boca da garrafa.»

CORNÉLIO PIRES

Era nova

Fulge o século XX... E' o homem que se apruma
Na conquista do espaço em majestade e glória;
Surtem novos clarões nos domínios da História
E algemas ancestrais desatam-se, uma a uma...

Mas na turba que geme há pranto, cinza e bruma,
Ódio, orgulho e ambição na lodacenta escória,
Que se alonga no chão, por sombra merencória,
Gerando, em toda a parte, a dor que se avoluma.

Estendamos, assim, na triste gleba humana,
A lição de Jesus, eterna e soberana,
Fazendo nova luz na Terra envilecida...

Porque sòmente em Cristo, ao Sol dum rumo certo,
Pode o homem do mundo, enfim, puro e liberto,
Elevar-se, cantando, ao encontro da Vida.

ORLANDO TEIXEIRA

Bailarina

Lembro-me agora, sim... O crepúsculo entorna
Tons velutíneos de ouro entre nuvens de opala.
Entontece-te o vinho, a música te embala
E ofereces na dança a taça doce e morna.

Quantos caem no sonho em trágica madorna!
Arrastas sob os pés os corações sem fala...
Imperas, soberana; e obedeces, vassala;
Ninfa, volves da estrela e a lama te suborna.

Flor de gaze e cetim, na ribalta de Roma,
Hoje, trazes no peito horrendo carcinoma,
Em cujo lodo triste o pretérito arrasas.

No entanto, pela dor, hás-de reerguer-te, um dia,
E bailarás, no Céu, por vestal da alegria,
Exaltando o amor puro, ao sol das próprias asas!...

CÍCERO FRANÇA

Ao encontro do Além

Homem, pára um momento, onde sonhas e esperas!...
Pára e contempla os Céus... No Espaço, de ala em ala,
Fulgem constelações... A vida canta e fala
Pela tuba dos sóis em flâneas fotosferas.

Há mundos aurorais, por divinas esferas,
Quais suspensos jardins, entre lumes de opala...
E além, no Mais Além, a sombra circunvala
Os planetas de dor em lágrimas austeras!...

Na imensidão do Cosmo, o Universo cintila!...
Não mergulhes no lodo, anjo preso na argila,
Trabalha e aperfeiçoa, enquanto aprendes e erras!...

Cultiva paz e amor, nos áureos tempos novos,
E encontrarás, em breve, os lares de outros povos
Para enlaçar cantando os irmãos de outras Terras!...

FÉLIX PACHECO

L e i

Reencarnação!... Descer de mansão doce e flórea,
Ninho tecido aos sóis qual fúlgida escumilha,
Onde a vida pompeia excelsa maravilha,
E afundar-se na sombra em lodacenta escória!

Ante o ser livre e belo — ave aos cimos da glória —
Recorda o corpo escravo ascorosa armadilha;
O berço — irmão do esquife — é a furna em que se humilha
Todo sonho ideal de ventura incorpórea.

Reencarnação, porém, é a Justiça Perfeita,
A Lei que esmonda, ampara, aprimora e endireita,
Por mais o coração inquiria, chore ou trema!...

Alma, entre a lama e a dor da luta em que te abrasas,
Crias teu próprio mundo e as tuas próprias asas
Para galgar, um dia, a vastidão suprema!...

CONSTÂNCIO ALVES

Quintino do Quilombo

— «Não quero ver meu genro nem pintado —
Reclamava Quintino do Quilombo —,
Zé Gaiola comigo é tiro, tombo
Ou meu facão certo no picado...»

Mas o tempo foi indo... Deus louvado!...
Quintino ficou ruim... Tinha um calombo,
Do calombo crescido veio um rombo,
E morreu de repente no serrado.

Depois... tanto vagou em correria,
Que assombrou o Roçado da Alegria,
Pedindo ao genro um corpo como esmola...

Hoje, Quintino, em novo crescimento,
E' um menino amoroso e perebento,
Agarrado na mão de Zé Gaiola.

CORNÉLIO PIRES

Coragem

Se o desânimo procura
Mergulhar-te na amargura,
Não olvides, meu irmão,
Que a vida por toda parte
E' nova luz a buscar-te
Em doce renovação.

Na mágoa que te domina,
Repara a Bênção Divina
A brilhar, aqui e além...
Tudo é esperança e beleza
No trono da Natureza
Na glória do Eterno Bem...

Da noite estranha e sombria,
Assoma, envolvente, o dia
E a treva faz-se esplendor.
Do Inverno que dilacera,
Vem o Sol da Primavera
E o espinho revela a flor.

Da serra empedrada e feia,
Desce o regato que ondeia
Em generosa canção.
Do charco de baixo nível,
Desditoso e desprezível,
Ressurge o calor do pão.

Coragem! — recorda o ninho,
Suportando, de mansinho,
Toda a fúria do escarcéu;
E do além, tranquila ao vê-la,
Coragem! — repete a estrela,
Sorrindo no azul do Céu.

Assim também, cada hora,
Trabalha, porfia e chora
Guardando a fé clara e sã!...
Padece mas busca a frente,
Lembrando constantemente
Que o dia volta amanhã.

JOÃO DE DEUS

Palavras de caridade

O apoio... A simpatia... Uma oração apenas,
Carregada de fé na Bondade Divina...
A bênção do sorriso... A página que ensina
A vencer o amargor das lágrimas terrenas...

O minuto de paz... O auxílio que armazenas,
Na supressão do mal, ao trabalho em surdina...
O bilhete fraterno... Uma flor pequenina...
O socorro... A brandura... As palavras serenas...

A esmola... A roupa usada... O copo de água fria...
O pão... O entendimento... Um raio de alegria...
Um fio de esperança... A atitude sincera...

Da migalha mais pobre à dádiva mais rica,
Tudo aquilo que dás a vida multiplica
Nos tesouros de amor da glória que te espera!...

AUTA DE SOUZA

Terra mater

Tantas vezes, chamei-te férreo muro,
Oh! Terra maternal, pródigo abrigo.
Hoje em preces de júbilo bendigo
O teu cálix de dor áspero e duro.

Beijo-te, agora, o chão... Quero e procuro
A redenção em lágrimas contigo,
Hosanas ao teu colo ardente e amigo,
Restauração e sol do meu futuro!...

Envolve-me de pranto, sonho e luta,
Lava-me o coração de pedra bruta
Em teus rios de amor piedoso e terso!...

Mãe silenciosa e boa, mãe querida,
Abre-me o seio, em luz de nova vida,
Dá-me o consolo e a paz de novo berço!...

ALVES DE FARIA

Saudade vazia

Desde muito chorava o belo filho morto,
Num desastre de mar em suntuoso falucho...
Triste, a fidalga anciã vivia em pranto e luxo,
No esplêndido solar ao pé de velho porto...

Certo dia, a criada, em rijo desconforto,
Dá-lhe um pobre enjeitado, um magro pequerrucho.
Ela clama: «Não quero! Isto é morcego e bruxo,
Tem na face de monstro o nariz feio e torto!...

E a dama solitária, em angústia insofrida,
Atravessou a morte e acordou noutra vida,
Buscando, ansiosa e rude, a afeição do passado...

Debalde soluçou, na lição do destino...
Ao desprezar na Terra o infeliz pequenino,
Recusara, orgulhosa, o filho reencarnado.

JORGE FALEIROS

Oração diante da injúria

Foste, ó Cristo, no mundo, o Servidor Sublime,
Perdão e caridade, ungiendo a Natureza,
Fizeste da bondade a eterna luz acesa,
Qual estrela em que o Céu se condensa e se exprime;

Ao teu halo de amor, a Terra se redime,
E, entendimento alçado à Divina Grandeza,
Recuperas o fraco, extinguindo a fraqueza,
Salvas o criminoso e consumes o crime!...

Ante as farpas do mal, dá-nos paz e brandura,
Liberta-nos do ódio a alma pobre e insegura,
Rompe-nos os grilhões das heranças medievas...

E faze-nos sentir ao peito humilde e pasmo
Que mais vale gemer sob a cruz do sarcasmo
Que vencer e sorrir sob o aplauso das trevas!...

LOBO DA COSTA

Alcoólatras

QUADRO PUNGENTE

Alcoólatra vampiro alça a boca de balde,
Ebrio desencarnado, a hedionda sede aguça.
Híspidos lábios lambe e escancara a dentuça,
Tateia o vidro, em vão, do frasco verde e jalde.

Rápido, caça alguém no remoto arrabalde,
Alcoólatra encarnado encontra e lhe refuça
A goela que se inflama, enrubesce e empapuça,
Como a sacar de si mais sede que a rescalde.

Agarra-se o vampiro ao bêbado por entre
As vértebras do peito e as vísceras do ventre,
Toma-lhe o braço e o corpo... Estala a língua bronca!

A dupla bebe, bebe... E, às tontas, na calçada
Cai de borco no chão, estira-se largada,
Delira, geme, dorme, espolinha-se e ronca...

HONÓRIO ARMOND

Santa maternidade

(Preito de amizade a dois companheiros do pretérito, atualmente reencarnados em provação re-generativa.)

Recordo, castelã!... O narciso trescala
Do teu colo a fulgir de jóias soberanas...
Alguém morre na festa... E, soberba, te ufanas
Do jovem que impeliste ao suicídio na sala.

Tempos correram, presto... Entre humildes choupanas,
Trazes agora ao peito um filhinho sem fala,
Mutilado ao nascer, flor que se despetala,
No trato de aflicção da prova em que te fanas...

Restauras, padecente, a vítima de outrora,
Ontem, transviada e ré, hoje, mãe que ama e chora!...
Salve a reencarnação, passaporte ao futuro!

Mãe, agradece a dor!... No porvir que vem perto,
Brilharás como estrela, ante o filho liberto,
E alcançarás, ditosa, o reino do amor puro!...

EPIPHANIO LEITE

A porta

Se trabalhas na porta,
Ao acolher alguém,
Oferta de ti mesmo
A mensagem do bem.

A porta aberta exige vigilância,
Justo pensemos nisso;
A prudência, entretanto, não exclui
Atenção e serviço.

Frequentemente aquele que te busca,
Ainda mesmo quando não te agrade,
E' um companheiro que procede, em crise,
Da terra triste da necessidade.

Viajores, pedintes, consulentes
Nem sempre se revelam como são...
Muito espírito nobre do caminho
Traz cravadas no peito as marcas da aflicção.

A porta unida à rua
É um dos pontos mais santos que há no lar;
Se te dispões a receber quem chama,
Exerce o privilégio de ajudar...

Fôssemos nós da fila dos que passam
Na longa e desditosa caravana,
Quanto agradecimento a quem nos desse
Leve parcela de ternura humana!

O olhar de compreensão, o sorriso de paz,
O entendimento, uma palavra boa,
São migalhas de amor que enaltecem a vida
E que a vida abençoa...

Crês na esperança como crês no Céu,
Dizes que a caridade te conforta,
Não negues, desse modo, a quem te pede auxílio
A bondade na porta.

MANOEL MONTEIRO

Causa e efeito

«Bate!...» — ordena o senhor, em subido mirante,
Ao capataz que espanca o escravo fugitivo —
«Bate mais!... Bate mais!...» E o misero cativo
Estorcega-se e geme ao látego triunfante.

Esse vai, outro vem... A mesma voz troante
Ao rebenque feroz... O mesmo olhar altivo!...
Cada servo a tombar, padeça, morto vivo,
Cada corpo a cair nunca mais se levante!...

Morre o senhor, um dia... E, Espírito culpado,
Em pranto, roga a Deus lhe corrija o passado...
Renasce e serve ao bem, atormentado embora!...

Hoje, em leito fidalgo, a dor lhe impede a fala,
Sente no peito em fogo o relho da senzala
E estorcega-se e geme ao câncer que o devora!...

SILVA RAMOS

Destinação

Torpidude larval, de monera a monera,
Impulso a impulso, passo a passo, clima em clima,
Do lodo ao céu, da treva ao sol, de baixo acima,
Homem, de longe vens!... Detém-te, escuta, espera!...

A fé restaura, o bem renova, a dor sublima.
Trabalha, sofre, aprende, ampara, persevera
Na construção do amor, por mais rija e severa,
Inda que a ingratidão te furte a humana estima!...

Da cruz que te escraviza entre abismos medonhos,
Tecerás, vida em vida, as asas de teus sonhos,
Gemas, no entanto, agora, em lágrimas submerso.

Hoje, viajor da sombra a caminhar de rastros,
Amanhã, rei da luz no domínio dos astros,
Partilhando com Deus o Trono do Universo!

MACIEL MONTEIRO

Deus quer misericórdia

Se confias em Deus, alma querida,
Vem com Jesus, do lar, que te resguarda e eleva,
Ao vale da aflição onde vagam na sombra
Os romeiros da angústia e as vítimas da treva!...
Na crença que te nutre, acende a chama
Do amor que te desvende, triha a fora,
Os convidados d'Ele ao banquete da vida,
Os que formam na Terra a multidão que chora.
Vamos!... Jesus, à frente, nos precede,
Insistindo por nós, de caminho a caminho,
E pede proteção ao que segue em penúria,
Reconforto a quem vai padecente e sózinho...
Aqui, passam em bando, aos ímpetos do vento,
Pequeninos sem fé, sem apoio, sem nome.
Que fazem? de onde vêm? aonde vão? ninguém sabe
E nem sabe explicar a mágoa que os consome;
Ali, geme, sem teto, o doente esquecido,
Além, tropeça e cai, sem a escora de alguém,
O velhinho largado à vastidão da noite,
Que recebe, por leito, a terra de ninguém;
Mais adiante, é a viuvez cansada de abandono,

Almas na solidão de torturante espera,
Implorando socorro ao telheiro vazio,
A recolher sòmente a dor que as dilacera;
Flagelam-se, mais longe, os tristes companheiros
Que andaram sem pensar, nas veredas do crime,
Rogando leve olhar de bondade e esperança,
Numa frase de paz que os restaure e reanime!...
Ante os erros que encontres, não censures
Nem te queixes... Trabalha, alma querida!...
Deus quer misericórdia!... Ama, serve, abençoa
E Deus te susterá nas provações da vida.
Vem como és e auxilia quanto possas,
Não clames pelo Céu, sonhando em vão!...
Nosso Senhor te aguarda tão-sòmente,
Traze teu coração!...

MARIA DOLORES

45

Ascensão

Segue sem repousar, gemendo embora,
Sob a nuvem de fel que se agiganta;
Nossa dor é a subida áspera e santa,
Em que a Mão do Senhor nos aprimora.

Serve no espinheiral... Padece e chora...
Mas entesoura a fé que vibra e canta.
Em pleno charco, o lírio se levanta
E, além da escuridão, renasce a aurora.

Agradece a aflição que te sepulta
Nas ansiedades da batalha oculta,
Em que o gládio de pranto te domina...

Bendize a sarça que te dilacera
E encontrarás a Eterna Primavera
No Lar Celeste da União Divina.

VALLADO ROSAS

Prisioneiro

Prometeu algemado à cruz das dores,
Bendize, em pranto, a divinal sentença
Que te guarda no mundo a alma suspensa,
Entre abismos, angústias e pavores.

Na treva dos gemidos remissores,
Abre o sacrário virginal da crença
E fita a vastidão divina e imensa,
Estrelada de sonhos e esplendores...

Do céu que buscas torturado e crente,
Desce a esperança milagrosamente
Por níveo anjo sobre a estranha grade...

E encontrarás chorando de alegria,
Além da noite dolorosa e fria,
O caminho da Eterna Liberdade.

CRUZ E SOUZA

O enjeitado

Mulher moça abandona, em grande pátio imundo,
O filhinho que, em vão, lhe dera a vida ao seio;
Depois, vende prazer, comprando, a bolso alheio,
A posição faustosa e o renome infecundo.

Corre o tempo... Mais tarde, aos empuxões do mundo,
Certa noite, ela aguarda alguém para recreio...
Entra um jovem ladrão, abre-lhe o cofre cheio,
A dama roga auxílio e agarra o vagabundo...

Ele brande o punhal e o sangue se lhe verte...
Agonizante, fita — embora o corpo inerte —
O rapaz que lhe furta as jóias do peitilho;

Súbito, encontra nele o enjeitado de outrora,
E, tarde, a pobre mãe de balde grita e chora:
— «Perdoa-me, Senhor!... Não me mates, meu filho!...»

NARCISA AMÁLIA

Do Céu à Terra

(Contemplando a vastidão cósmica, antes do retorno à reencarnação.)

Via-vos, áureos sóis, por lágrimas nas trevas
Que Deus chorasse em torno à Terra de onde vim!...
Liberto agora à luz das plagas do sem-fim,
Fito-vos a amplidão das grandezas primevas...

.....

Ah! pobre coração, a que porto te elevas,
No etéreo mar varrido a fogo carmesim?
Reconsidera, pensa e detém-te — ai de mim! —,
Perquirindo o montão das dívidas longevas!...

Precedendo incursões miríficas na Altura,
Impõe-te a Lei voltar ao lodo que te apura,
A sofrer, vendo ao longe o Sonho, a Pátria, o Lar!...

Retorna à cruz do corpo, ama, chora e confia;
Amado e padecendo, alcançarás, um dia,
A força de ascender e a glória de chegar.

ANTÔNIO AZEVEDO

Em louvor da esperança

Escuta, coração:

Quando a mágoa te aflija
E a incompreensão te zurza implacável e rija,
Jamais te dês aos gritos da exaustão!...
Revolta é furacão a sacudir
O campo, o ninho, a escola, o templo, a casa,
E tudo danifica ou tudo arrasa
Quando vem a surgir...

Quando o pranto amarfanhe os olhos teus,
Não mostres tuas lágrimas benditas;
Aprende a recolher no campo em que transitas
Os ensinamentos de Deus!...
Tudo na Terra é santa aspiração...
Serenamente a planta aguarda o fruto amigo
E o próprio fruto anseia estar contigo
Para a vitória humilde de ser pão.

Nasce a fonte cantando, a borbulhar...
De início é um fio pobre de água mansa,
Mas, porque espera, serve e não descansa,
Desce ao bojo do rio e acha a glória do mar!...

O charco espera a mão do lavrador
E, um dia, plasma em lama, lodo e estrume,
Um jarro gigantesco de perfume
A enfeitar-se de flor!...

Nota que a porcelana aprimorada
Foi barro que aceitou a disciplina...
A pérola mais fina
Veio na dor da ostra torturada!...
O violino que atende e se consome
Por dar à melodia apoio e desempenho
Não passava de um lenho
Na floresta sem nome!...

Detém-te, coração, pensando nisso:
No mundo o que há de belo, grande e santo
E' persistência e esforço, canto a canto,
Da esperança em serviço!...
Empenha-te a servir, aprender, construir, tolerar,
Em tudo é sempre o Amor Puro e Perfeito
Porque nunca se cansa de esperar!...

MARIA DOLORES

Sempre amor

Torno, ansioso, da morte à casa que deixara...
Os meus, o lar, o amor... eis tudo o que ambiciono
Entro. Lá fora, o parque, a tristeza, o abandono...
Mormaço, plenilúnio, o vento, a noite clara...

Debalde grito, corro, observo, inspeciono...
Subo. Um morcego ronda a pequena almenara...
Nada. Ninguém me espera. A vida desertara.
Tudo silêncio e pó de tapera sem dono...

Sofro desilusão que o mundo não descreve,
Mas alguém abre a porta e me chama, de leve...
Fito pobre mulher... Na face, o olhar sem brilho...

Conheço-a!... Minha mãe!... Quanta saudade, quanta!...
Vem lembrar-me a rezar... Beijo-lhe as mãos de santa!...
Ela chora e repete: «Ah! meu filho! meu filho!...»

JORGE MATOS

Divina estrela

Ei-la!... Aparece e passa!... Onde fulge e transita,
 Nasce o bem, foge o mal, vem a paz, cessa a luta,
 A lágrima se esvai, deixando, à face enxuta,
 O sorriso do Céu em floração bendita!...

O bálsamo da fé asserena a alma aflita,
 Unem-se os corações em sublime permuta...
 Fala a consolação, a mágoa cede e escuta!...
 A humilhação na dor faz-se glória infinita...

Ei-la! A Estrela Divina, em raios de esperança,
 Abençoa, conforta, ergue, restaura e avança...
 Tudo envolve na luz de esplendor jamais visto!...

Seu nome? Caridade!... Em si define e encerra,
 Seja em qualquer lugar e com quem for na Terra,
 O Eterno Amor de Deus e a presença do Cristo.

AUTA DE SOUZA

O Cristo e o Livro

O vento... O frio... A noite... O céu que se ilumina...
 Sorri Jesus na palha em sublime epopeia!...
 Depois, Jerusalém... Depois, a Galileia,
 O povo, o bem, a paz, a esperança, a doutrina!

O Mestre salva, ergue, ampara, eleva, ensina,
 Brunindo o coração e aprimorando a ideia...
 Depois, o escárnio, a cruz, a agressiva assembleia,
 A morte... E, após a morte, a vitória divina...

Depois, a nova era, a fé profunda e clara,
 O apostolado ardente, enriquecendo a seara...
 Depois de tudo, um livro — o Evangelho fecundo...

E o livro, arca da vida, em que a luz se condensa,
 Traz o Cristo até nós por Eterna Presença,
 Vencendo gerações para a glória do mundo!...

CONSTÂNCIO ALVES

No último dia

Horas de angústia e lágrimas transponho...
 Chegara, em desespero, o fim do dia.
 Caminhando, ao meu lado, a Fantasia
 Gritava para mim, no último sonho:

— «A Morte é o Nada e a Paz sem agonia!...»
 E escutando-a, cansado, os olhos ponho
 Além do mundo, no cairel medonho
 De horrendo caos, buscando a noite fria...

Era o anelado fim... Súplice avanço
 E rogo à Morte a bênção do descanso,
 Descendo, em pranto, às trevas abismais.

Mas em lugar das regiões serenas,
 Sob nova tortura, encontro apenas
 O abutre do remorso e nada mais...

ANTERO DE QUENTAL

Estudo

Estudo, segundo acho
 Na ideia que desembucho,
 Parece imenso repuxo
 De estrelas brilhando baixo.

Livro bom recorda facho,
 Mensagem, cofre, capucho,
 Criando força e debuxo
 De ensinos do Céu em cacho.

Ignorância! — eis a pecha,
 Por onde a vida se embrecha
 Para ajoujar-se de lixo.

Sem estudo — a excelsa tocha
 Que eleva, guia e reprocha —
 A pessoa vira bicho.

ALFREDO NORA

Vencedor

Ei-lo!... Bocas de lodo espreitam-lhe o caminho,
E enquanto vazam fel, achincalhe e veneno,
Grita a inveja: «maldigo!» e a treva diz «condeno!»...
Ele chega e faz luz, fatigado e sôzinho.

Arde-lhe o peito opresso em férvido cadinho,
Sofre a conflagração do chavascal terreno...
Cai sustentando o bem, ferido mas sereno,
— Clarão acorrentado a torvo pelourinho.

Por amar e servir aos sonhos redentores,
Tem chagas por lauréis e escárnios por louvores,
E morre esfrangalhado a repelão perverso...

Mas do corpo tombado a vida se derrama!
Ei-lo!... O herói redivivo — estrela, nume, flama! —,
Bravo conquistador das glórias do Universo!...

CARLOS BITTENCOURT

Regra de Paz

Se queres felicidade,
Apoio, harmonia e luz,
Atende às indicações
De Nosso Senhor Jesus.
Começa o dia pensando
No que o dever determina
E roga, em prece, o roteiro
Da Providência Divina.
Ergue-te cedo e, se falas,
Fala a palavra do bem,
Auxilia a quem te ouça,
Não penses mal de ninguém.
Se existe algum desarranjo
Em teu distrito de ação,
Conserta sem reclamar,
Não te lamentes em vão.
Trabalha quanto puderes
Que o trabalho é vida, em suma...
O tempo, igual para todos,
Não pára de forma alguma.
Se alguém te ofende, perdoa.

Quem de nós não pode errar?
Não há quem colha perdão
Se não sabe perdoar.
Trilhando a estrada sombria
De prova, rixa, pesar,
Acende a luz da concórdia
E ajuda sem perguntar.
Problemas? Dificuldades?
Aprendamos dia-a-dia
Que a bondade tudo entende,
Quem serve não se transvia.
Onde a tristeza se espalha
E a vida se ilude ou cansa,
Sê caridade, consolo,
Serenidade, esperança...
E, chegando cada noite
Por sobre os caminhos teus,
Dormirás tranquilamente
Na bênção do amor de Deus.

CASIMIRO CUNHA

Divina sílaba

Sempre o Nome Sagrado — a Sílaba Divina —
Dos astros recordando aligeras galeras,
Nas correntes do Azul, às supremas esferas
Onde o jorro da luz se represa e esborcina...

Das alturas do Céu ao bojo das crateras,
Do mar em vagalhões à fonte pequenina,
Dos cimos da montanha às entranhas da mina,
Do clarão do presente à sombra de outras eras...

Da relva pisoteada ao tronco erguido a prumo,
Da brisa bonançosa ao furacão sem rumo,
Da leveza da palha ao peso do granito...

Do gênio angelical à bactéria no solo,
De vida em vida, passo a passo, pólo a pólo,
Tudo fala de Deus na glória do Infinito!...

AMERICANO DO BRASIL

Tempo

Diz-me o corpo, ao findar a jornada terrena:

— Deixa-me agora em paz! Não me prendas assim!
— Tempo!... Anseio mais tempo — exoro, vendo o fim,
Enquanto a morte ausculta a dor que me envenena.

Eis que o Tempo perdido, em pranto, surge à cena!...
Imploro: «Ah! Tempo amigo, abeira-te de mim,
Quero voltar contigo à estrada de onde vim,
Para amar e servir, segundo a Lei me ordena!...»

Ele, porém, não ouve e afasta-se em surdina...
— Vamos! — concita a morte — a luta não termina,
Não me atrases mais tempo à força de teus ais!...

— Onde o Tempo? — clamei, e a morte me elucida:
— Tudo terás de novo, o recomeço, a vida,
Mas Tempo gasto em vão, nunca mais! nunca mais!...

JOSÉ CIRILO DAS CHAGAS

Renascença da alma

*(Versos de carinho e gratidão a um chefe e
amigo de outras reencarnações, que hoje reencontrei,
sob o amparo de um manicômio.)*

Lembro-te, Soberano, as incursões bizarras...
Ordenas invasões... Feres, vences, dominas!...
Deixas a estrada em fogo, os castelos em ruínas,
Agonia e pavor nas terras onde esbarras!...

Tudo a morte levou... Os troféus e algazarras,
As armas, os brasões e as tropas libertinas...
E encontrei-te, hoje, oh rei!... Clamas e desatinas,
Reencarnado no hospício a que, louco, te agarras...

Dói ver-te inerte, assim, lívido e descomposto
Na laje celular por trono de recosto!...
Mas louva as provações, ditoso por sofrê-las!...

Findo o resgate justo, um dia, tempo afora,
Terás de novo um reino e os amigos de outrora,
Nos impérios do amor, para além das estrelas!...

EIPHANIO LEITE

Panorama do Umbral

A ganir e gritar, a turba rusga e rola...
 Tragos em trismo atroz, no brejo imenso e imundo,
 Arrastam-se revéis, rebolcam-se no fundo...
 Duendes e danações em gigântea gaiola.

Ontem, homens ao sol, verbo egrégio e infecundo,
 O crime disfarçado em máscaras de escola;
 Hoje, feras no charco, a malta desconsola...
 Espíritos da sombra, a sucata do mundo!

No chão, perante o céu iridescente e pando,
 Aprofunda-se o caos, ao sinistro comando
 De sinistras legiões, desde sendas longevas!...

Descerra a morte o abismo à alma culposa e tarda!...
 Ai de quem foge à luz e desce à retaguarda,
 De coração rendido à hipnose das trevas!

HONÓRIO ARMOND

Hora da morte

Aproxima-se a morte e em pranto me confundo...
 — Que sabes de ti mesmo? — a Dúvida reclama.
 A Fé, porém, sussurra em torno do meu drama:
 — Descansa e pensa em Deus sobre as mágoas do mundo!...

Abeiro-me do fim, de segundo a segundo,
 Na câmara do olhar a treva se derrama,
 Extrema inércia invade o casulo de lama,
 Falena, ergo-me e vibro ao sol de que me inundo.

Refaz-se-me a visão, entro em êxtase e prece,
 A alegria refulge, o sofrimento esquece,
 Vertem dos Céus canções de paz indefinida...

Ébrio de luz, exalto, em mágico transporte,
 O soluço da vida ante a festa da morte
 E a tristeza da morte, ante a glória da vida!

AZEVEDO CRUZ

Página ao homem

Romeiro da ansiedade, em lágrimas avanças,
A estrada é solidão enquanto a luz declina,
Esbravejam bulcões na tela vespertina,
Faz-se a noite aguaceiro em súbitas mudanças!...

Nem estrelas no céu, nem lar nas vizinhanças,
Mais granizo a descer, mais sombra, mais neblina...
A tempestade ruge, o caos troa e domina,
A calhaus e marnéis mais trôpego te lanças!...

Não temas! Segue e vence a lúrida procela,
Não procures saber se o frio te enregela,
Nem te prendas ao fel da senda atormentada...

Resguarda-te na fé! Sofre, luta, porfia!...
Renascera da treva a bênção de outro dia
Nos caminhos de sol da nova madrugada.

ALCEU WAMOSY

Antevisão

Quando a nuvem
acionou seus canhões invisíveis,
ribombando no espaço,
ouvi a mensagem da abundância.

Quando o raio
cortou o tecido espesso das trevas
com a lâmina da morte em esplendor,
respirei o ar puro do céu lavado.

Quando o vento sacudiu o arvoredor
com seu rebenque aéreo,
enxerguei as flores
que permaneceriam
fiéis aos frutos.

Quando o aguaceiro jorrou dos céus,
com as suas cataratas imensas,
inundando os caminhos,
vi a mesa farta,
rodeada de crianças felizes.

Quando o sofrimento aparece,
diante de nós,
crivando-nos o ser com farpas intangíveis,
vejo nossas almas
nos píncaros do Planeta,
sob o fulgor sem sombra do zênite,
cada qual carregando em si mesma
o seu próprio Universo,
prontas a desferir
o voo livre e belo
para o sem-fim da Perfeição.

CAETANO PERO NETO

Tempo e nós

O tempo lembra a terra... A existência é a lavoura...
Cada espírito em si é um lavrador volante.
Ah! não percas na vida a grandeza do instante
De preparar, servindo, a messe porvindoura!...

Sempre surja nos céus a coma fluida e loura
Do Sol varando o Azul em giro deslumbrante,
Renova-te, trabalha, e segue o dia avante
Na jornada do bem, onde o bem se entesoura.

Enquanto a força vela, enquanto a luz te aclara,
Não te detenhas!... Ama, ensina, ajuda, ampara,
Faze jardim do lodo e paz no campo adverso!...

A sementeira é livre ante as terras alheias,
Mas depois colherás tudo quanto semeias, —
Esta é a lei soberana e augusta do Universo.

CONSTÂNCIO ALVES

M a t e r

Ei-la!... — senhora e serva, entre humana e divina,
 Por mais a dor, por dentro, a espanque ou despedace,
 Carreia a paz no gesto e o sorriso na face,
 Fala e desvenda o rumo, abençoa e ilumina.

Anjo renovador, tem no lar a oficina,
 Onde o serviço exclui todo prazer mendace,
 Ao seu toque de luz, a esperança renasce,
 Suporta, recompõe, trabalha, sofre, ensina.

Mãe, um dia, quis Deus mostrar-se à vida humana,
 Fêz-te santa e mulher, escrava e soberana,
 Vinculada nos Céus, de homenagens prescindes!...

Deus se revela em ti, no amor alto e perfeito,
 Por isso, trazes, Mãe, nos recessos do peito,
 A ternura sem par e a bondade sem lindes.

CARLOS BITTENCOURT

Culpa e resgate

— «Morte ao mouro na roda! Eu, Marquês, determino!...»
 Bradava Dom Vidal, de flórea platibanda.
 E, de cabeça em fogo, a vítima demanda:
 — «Valei-me, ó Tribunais do Socorro Divino!»

Outros mouros se vão, a regalos de sino...
 Um dia, Dom Vidal, enquanto se desmanda,
 Vê a morte chegar... Cede-lhe à força branda,
 Mas, liberto da carne, é um louco sem destino.

Correm tempos de dor... O fidalgo violento
 Renasce em provação!... Penúria, sofrimento...
 Paranóico e obsessivo, exhibe pompa espúria.

Alucinado agora, em tugúrio singelo,
 Proclama: «Eu sou Marquês!... Quem roubou meu castelo?»
 Depois tomba na laje em acessos de fúria...

VALENTIM MAGALHÃES

O bicho oculto

Dava dó ver Nhô Chico da Cancela.
Era choro e tremura o dia inteiro...
Dizia ser picado de barbeiro
E sofrer bateadeira na espinhela.

Um dia, veio a médium Dona Bela...
Nhô Chico, em grupo, indaga a Irmão Carneiro
Onde ficava o bicho traiçoeiro...
Toda noite, era nova espetadela.

Presente, o guia então disse: «Nhô Chico,
Olha nos pés da cama que eu te explico...»
Nisso, a colcha mexida se arregaça.

No quarto, o povo, ali, viu, de repente,
Enrolada num saco de água quente,
Uma garrafa cheia de cachaça.

CORNÉLIO PIRES

O Reino

Buscaste o Céu na Terra... Um jardim de ouro e renda,
Onde as flores do amor vicejassem, ditosas!...
Achaste em desalento espinheirais nas rosas
E lírios nos brejais em simbiose tremenda.

A presença do mal em mal se te desvenda,
Ao sofrimento, ao fel e à lágrima te entrosas!...
Não te afastes, porém, das visões luminosas
De tua aspiração, por mais a dor te prenda!...

Cultiva o Eterno Bem, de alma ofegante embora;
Ante o futuro, anseia, aguarda, luta e chora!...
Agruras e agressões?!... Deixá-las e esquecê-las!...

Ergue-te, serve e segue!... O reino de teu sonho
Espraia-se em grandeza, intérmino e risonho,
E espera-te a fulgir, para lá das estrelas!

ZEFERINO BRAZIL

Sigamos além

Não te entregues, meu irmão,
 Ao frio da indiferença,
 Que o desânimo é doença,
 Regelando o coração.
 Se há males e dores mil
 Que volvem ao corpo, em bando,
 Há micróbios atacando
 A nossa vida sutil.

Repara o sol a brilhar,
 Sem tristeza e sem fadiga,
 Desde o céu à terra amiga,
 Nas nuvens, no chão, no mar...
 O ninho irradia amor,
 A fonte clara desliza,
 Serve a chuva, serve a brisa,
 Serve o grão e serve a flor.

Levanta-te e segue além!...
 Vence a aflição, vence a prova
 Sòmente quem se renova,
 Nas leis do Infinito Bem.
 Desalento é negação.
 Acorda, avança, porfia!
 Serviço de cada dia
 E' senda de perfeição.

JOÃO DE DEUS

A vida e o tempo

— «Este é o campo de amor, onde Deus te situa!...»
Falou-me o Sol raiando... Em tudo, amanhecia...
Disse-me a vida: «Vem!... Semeia, enquanto há dia,
Honra-se, em toda parte, a Terra por ser tua!...»

Desço, porém, da gleba aos encantos da rua,
Escarneço da fé e enveneno a alegria,
Busco apenas prazer em vereda sombria,
Mas a morte aparece e a vida continua!...

Desvalido no Além, disputo o corpo aos vermes,
Tenho o peito gelado, as mãos tristes e inermes;
No entanto, o coração em labaredas arde...

Rogo mais tempo à vida e a vida me responde:
— «Esperas, filho meu, mais tempo não sei onde...
O teu dia se foi... Agora é muito tarde!...»

JORGE MATOS

Desobsessão

O Espírito sem paz chora, clama, esbraveja,
Escarnece, injuria, agita-se, esconjura...
Fala o doutrinador com lógica e brandura,
Entram a sombra e a luz em súbita peleja...

Mais um dia... Outros mais... E aquele que apedreja,
Mergulhado no fel de estranha desventura,
Cede à força do amor e em lágrimas procura
Levantar-se por fim da treva em que rasteja!...

Um coração de mãe é convidado à liça...
Surge a reencarnação, promove-se a justiça...
Um berço... Um corpo novo... As correções austeras!

E a desobsessão, em sentido profundo,
Continua no lar, entre a escola do mundo
E a dor que nos redime os erros de outras eras!...

LEÔNICIO CORREA

Onde Jesus espera

Onde a dor entenece e a injúria desafia...
 Onde a esperança mora em tratos de amargura...
 Onde o pranto e a aflição, surgindo, de mistura,
 Entretecem na sombra angústia ou rebeldia...

Onde a penúria irrompe e, súbito, anuncia
 Chaga, exaustão, nudez, tristeza, desventura...
 Onde a orfandade chora e a viuvez se enclausura
 No lar de provação, onde a noite é mais fria...

Onde a lama se espalha... Onde a treva pragueja,
 Reclamando o perdão e a prece benfazeja...
 Onde o sarcasmo espanca... Onde o mal se descerra...

Onde possas servir: eis o lugar do mundo,
 Onde Jesus te espera o trabalho fecundo
 Para exaltar no amor a redenção da Terra!...

AUTA DE SOUZA

Prova difícil

Pregava Nhô Tatinho do Lajão
 Numa sessão do Centro de Jandira:
 — «Meus irmãos, a brandura cobre a ira,
 Humildade é que vence tentação!...

Ninguém seja teimoso, nem brigão...»
 Nisso, Nhô Bem, na sala, tosse, vira,
 Aponta a mesa e grita meio gira:
 — «Vancê faz o que fala, meu irmão?»

Antes mansinho, a conversar no banco,
 Na raiva agora e a levantar de arranco,
 Nhô Tatinho berrou para Nhô Bem:

«Saia daqui, miolo de cachaço,
 Cale a boca!... Se eu falo mas não faço,
 Isso não é da conta de ninguém!»

CORNÉLIO PIRES

No século XX

Homem, não vale o cérebro vulcânico
 Votado à ciência que te desconforta,
 Na vocação para a matéria morta
 Que extravasa, terrível, de teu crânio.

Cogumelo que pensa subitâneo
 Emparedado em cárcere sem porta,
 Se preferes a espada, que te importa
 A grandeza dum átomo de urânio?

Foge à extrema penúria que te aguarda
 A inteligência lúbrica e bastarda,
 Incauta penetrando abismos tredos...

Não prossigas sem Deus, cindindo os ares!
 Ai da Terra infeliz se descifreres
 Toda a extensão dos cósmicos segredos!

AUGUSTO DOS ANJOS

Livre, enfim!...

Hora final!... A angústia, às súbitas, me toma...
 Na fixidez do olhar, as lágrimas por clima...
 Dentre a névoa difusa, uma luz se aproxima...
 Ergo-me!... O corpo lembra esdrúxula redoma!...

Redivivo, me arrasto... Aspiro doce aroma...
 Saio... O luar esplende... A visão se reanima...
 O mundo é um roseiral estrelado em cima...
 Dos recessos do ser, o regozijo assoma!...

Será isso morrer?... Em êxtase me espanto!...
 Arfa-me o peito em prece... Ouço terno acalanto...
 Velhas canções do lar!... Brilha a noite orvalhada!...

Torno aos amados meus!... Cessa a estrada sombria
 E parto, livre enfim, sonhando novo dia
 No encaço de Outra Luz, na luz da madrugada!...

SABINO SILVA

Quem escreve

Quem escreve no mundo
E' como quem semeia
Sobre o solo fecundo...

A inteligência brilha sempre cheia
De possibilidades infantis.

Planta
Uma ideia qualquer onde te agitas,
Semeia essa ideia pecadora ou santa,
E vê-la-ás, a todos extensiva,
Multiplicar-se milagrosa e viva.

Sem tanger as feridas e as arestas,
Conduze com cuidado
A pena pequenina em que te manifestas!
Foge à volúpia das maldades nuas,
Não condenes, não firas, não destruas...

Porque o verbo falado
Muita vez é disperso
Pelo vento que flui da Fonte do Universo.
Mas a palavra escrita

Guarda a força infinita
Que traz resposta a toda a sementeira,
Em frutos de beleza e de alegria
Ou de mágoa sombria,
Para os caminhos de uma vida inteira.

CÁRMEN CINIRA

O homem e a morte

Ao Homem disse, um dia, a Vaidade excitante:
 — «Es o rei da criação! A Terra toda é tua!...»
 O Orgulho comparece e, presto, continua:
 — «Ave, senhor da vida, altíssimo gigante!...»

Na sombra espessa, em torno, a Descrença acentua:
 — «Nada existe, afinal, sem teu cetro brilhante...»
 E a Fortuna declara: «Ordena, comandante!
 Do meu áureo poder ninguém te destitua...»

E o Homem dá-se todo à carreira ilusória,
 Bradando para os Céus em delírios de glória:
 — «Deus, se existes, oh! Deus, jamais me sobrelevas!...»

Mas a Morte aparece e, num simples segundo,
 Vê-se triste e sôzinho o monarca do mundo,
 Intimado a pensar no silêncio das trevas...

JOSÉ CIRILO CHAGAS

Recordações em Leopoldina

A sombra amiga destes montes calmos,
 Meu pobre coração de anacoreta,
 Amortalhado em fina roupa preta,
 Desceu à escuridão dos sete palmos.

Viera o fim dos sonhos intranquilos,
 Entre grandes e estranhos pesadelos,
 Satisfazendo aos trágicos apelos
 Da guerra inexorável dos bacilos.

A morte terminara o horrendo cerco,
 Sufocando as moléculas madrastras...
 Eram milhões de células nefastas,
 Voltando à paz do túmulo de esterco.

Indiferente aos últimos perigos,
 Meu corpo recebeu o último beijo
 E comeci o lúgubre cortejo,
 Sustentado nos braços dos amigos.

Em triste solilóquio no trajeto,
Espantado, fitando as mãos de cera,
Rememorava o tempo que perdera,
Desde as primárias convulsões do feto.

Porque morrer amando e haver descrito
Do Eterno Sol, do qual vivera em fuga?
Como é sombrio o pranto que se enxuga
Pelo infinito horror de haver nascido!...

Depois, vi-me no campo onde a dor medra,
Ao contato do chão frio e profundo,
Chegara para mim o fim do mundo,
Entre as cruzes e os dísticos de pedra.

Terrível comoção pintou-me a cara,
Na escabrosa cidade dos pés juntos,
Tornara-se defunta, entre os defuntos,
Toda a ciência de que me orgulhara.

Trêmulo e só no leito subterrâneo,
Sentia, frente à lógica dos fatos,
O pavor dos morcegos e dos ratos,
Dominar os abismos de meu crânio.

Meus ideais mais puros, meus lamentos,
E a minha vocação para a desgraça
Reduziam-se a mísera carcaça
Para o açougue dos vermes famulentos.

Em seguida o abandono, enfim, do plasma,
Os micróbios gritando independência...
E tomei nova forma de existência
Sob a fisiologia do fantasma.

Fugindo então ao gelo, à sombra e à ruína,
Do caos sinistro em que vivi submerso
Revelou-se-me a glória do universo,
Santificado pela Luz Divina.

.....
Oh! Que ninguém perturbe os meus destroços,
Nem arranque meu corpo à última furna,
E' Leopoldina a generosa urna,
Que, acolhedora, me resguarda os ossos.

Beije minhalma alegre o pó da rua,
Deste painel bucólico e risonho,
Onde aprendi, no derradeiro sonho,
Que o mistério da vida continua...

Bendita seja a Terra, augusta e forte,
Onde, através das vascas da agonia,
Encontrei a mim mesmo, em novo dia,
Pelas revelações de luz da morte.

AUGUSTO DOS ANJOS

Glória à reencarnação

Alma liberta aos sóis, ganho esfera venusta...
Fito extático e ansioso o fulgor de outra esfera.
Expandir-me, crescer e volitar quisera,
E sensação de queda agônica me assusta...

Os instintos carnis, por escória incombusta,
Chamam-me ao teto antigo... A Lei piedosa e austera
Mostra-me os sonhos de anjo e os impulsos de fera;
Homem, devo aprender quanto a ascensão me custa!

Torno, trêmulo, à Terra em torvos desenganos,
Mas agradeço, oh! Deus, os tremedais humanos,
Báratos, tentações, trevas e desatinos!...

Glória à reencarnação por mais me desconforte!
De corpo em corpo, vida em vida, morte em morte,
Alcançarei, um dia, os Páramos Divinos!...

HONÓRIO ARMOND

Deslumbramento

Além, etéreo lume em festa se desata!...
De irisado esplendor o Universo se anima.
Cachos de flâmea luz da celeste vindima
Vertem pepitas de ouro em torrentes de prata.

O bailado de sóis entenece e arrebatava...
Em torno, o ar alimenta, a música sublima!...
Celos e bandolins, quem vos tange de cima?!
Tudo é glória sem sombra e júbilo sem data.

Subo!... No Espaço, entanto, atônito me vejo
Entre alegria e dor, plenitude e desejo...
Súbito, volto à Terra em ternura incontida...

Beijo, encantado, o pó das sendas que transponho
E agradeço, oh! Senhor, no templo do meu sonho,
Os cânticos da morte e os soluços da vida!...

OLEGÁRIO MARIANO

Alguém

Alguém te bate à porta, dia a dia,
Esmolando-te amor, oculto embora
Nas agruras e chagas de quem chora
Entre a grande aflição e a noite fria...

Medita e ouvi-lo-ás chamando agora
Na miséria cansada que te espia,
Nos herdeiros da sombra e da agonia,
Que se arrastam gemendo estrada afora...

Alguém te segue os passos, de mansinho,
Junto às trevas e às dores do caminho,
Anotando o que fazes por vencê-las;

Esse Alguém é Jesus que, em toda idade,
Arrecada os teus gestos de bondade
No Tesouro Divino das Estrelas.

AUTA DE SOUZA

Súplica de filho

Não me procures, Mãe, sob o jazigo
Que recobres de jóias e açucenas!...
Fita o campo das lágrimas terrenas,
Levanta-te da lousa e vem comigo.

Aqui, chora a viuvez amargas penas,
Ali, geme a orfandade ao desabrigo,
Ergamos para a dor um pouso amigo
E as nossas dores ficarão pequenas!...

Transformemos o luxo, Mãe querida,
Em consolo, agasalho, pão e vida,
Na inspiração do bem que nos governa!...

E seguiremos juntos, dia-a-dia,
Convertendo a saudade escura e fria
Em bendito calor de luz eterna.

LUÍS ROBERTO

Gratidão

Agradeço, alma irmã, por tudo o que me deste,
O auxílio fraternal, generoso e sem preço,
O teto, o lume, o prato, o reconforto, a veste,
Tudo isso agradeço...

Sobretudo, alma boa,
Deus te compense o coração amigo,
Por teu olhar de paz que me alenta e abençoa
Na estrada em que prossigo.

Viste-me em solidão,
Esperança caída sem ninguém...
Deste-me apoio com teu braço irmão
E ergui-me de alma nova para o bem!...

Não há palavra com que te defina
O reconhecimento que me invade,
Ao sentir-te no amparo a presença divina
Da Celeste Bondade.

Deus te guarde no excelso resplendor
Da luz com que me aqueces todo o ser,
Porque me refizeste a certeza do amor,
A bênção de servir e a força de viver.

MARIA DOLORES

Espera ainda

Estende-se, lá fora, a noite fria...
Cai o forte aguaceiro em triste acento.
E enquanto o temporal ruga, violento,
Há soluços de dor na ventania...

Sofrem ninhos que a treva horrenda espia,
Correm detritos pelo chão barrento...
Nuvens bramindo estranho sofrimento
Vertem raios de angústia e de agonia.

Mas, enquanto lá fora a tempestade
Gera, ululando, o medo que te invade,
Ora, confia, crê e espera ainda!...

Amanhã, belo e claro, o sol ridente
Fulgirá no teu campo, novamente,
E a luz celeste brilhará mais linda.

VALLADO ROSAS

A lição do lenho

(Uma página aos médiums)

Erguia-se, ditoso, o tronco peregrino,
Amava a passarada, o vale, a fonte, o vento!...
Um dia, geme e tomba ao machado violento...
Alguém surge e faz dele emérito violino.

Ninguém lhe viu no bosque o trágico destino,
Hoje, porém, alheio ao próprio sofrimento,
Comove multidões... E segue, humilde e atento,
O artista que lhe tange o arcabouço divino.

Oh! coração, se o mal te fere, pisa, corta
E te lança por terra a vida semimorta,
Lembra o lenho harmonioso — intérprete profundo!

Entrega-te a Jesus e Jesus há-de usar-te
A transfundir-se a dor em luz, por toda a parte,
Enxugando contigo as lágrimas do mundo!...

ARTHUR DE SALLES

Agradeço, Senhor!

Agradeço, Senhor,
Quando me dizes «não»
As súplicas indébitas que faço,
Através da oração.

Muitas daquelas dádivas que peço,
Estima, concessão, posse, prazer,
Em meu caso talvez fôsse espinhos,
Na senda que me deste a percorrer.

De outras vezes, imploro-te favores,
Entre lamentação, choro, barulho,
Mero capricho, simples algararra,
Que me escapam do orgulho...

Existem privilégios que desejo,
Reclamando-te o «sim»,
Que, se me florescessem na existência,
Seriam desvantagens contra mim.

Em muitas circunstâncias, rogo afeto,
Sem achar companhia em qualquer parte,
Quando me dás a solidão por guia
Que me inspire a buscar-te.

Ensina-me que estou no lugar certo,
Que a ninguém me ligaste de improviso,
E que desfruto agora o melhor tempo
De melhorar-me em tudo o que preciso.

Não me escutes as exigências loucas,
Faze-me perceber
Que alcançarei além do necessário,
Se cumprir meu dever.

Agradeço, meu Deus,
Quando me dizes «não» com teu amor,
E sempre que te rogue o que não deva,
Não me atendas, Senhor!...

MARIA DOLORES

Salve, imortalidade!

Tudo se desfará na poeira transitória,
Sombra e luz, guerra e paz, dor e prazer,
Queda e restauração, servilismo e poder,
A refulgência do ouro e a tristeza da escória

Volverá cada sonho à beleza incorpórea,
Passa a emoção por luz na argila a perecer,
Cada dia se apaga além do anoitecer,
Estrelas rolarão no abismo sem memória.

Mas, o Espírito não!... Viajor da imensidade,
Por mais se altere o rumo e a forma se degrade,
Transforma o tempo eterno em veloz bergantim...

E a pleno mar da vida, agoniado e inseguro,
Ama, sofre, tateia em demanda ao futuro,
Mas sobe, ínclito e belo, à glória do sem-fim!...

GUSTAVO TEIXEIRA

Maria Boneca

*(Versos dedicados à dama feudal que abraçamos
por devotada amiga, há três séculos, e que hoje expia,
na via pública, sob a alcunha de Maria Boneca, o delito
de haver exterminado o filho jovem que lhe estorvava
a existência de irresponsabilidade e prazer.)*

Reencontrei-te, por fim, esmolando na rua.
Nada recorda em ti a dama do castelo.
Lembro-me!... Dás à fossa o filho louro e belo,
Esqueces, gozas, ris... E a festa continua...

Depois, a morte vem... A memória recua...
Escutas em ti mesma o trágico libelo,
Choras, nasces de novo e trazes por flagelo
A sede de ser mãe que a demência acentua!...

Como dói ver-te agora os tristes olhos baços!
Guardas, louca de amor, um boneco nos braços,
Em torno, há quem te apupe a trilha merencória...

Mas bendize, senhora, a lei piedosa e austera,
Alguém vela por ti: o filho que te espera
E há-de levar-te aos Céus em cânticos de glória!...

EPIPHANIO LEITE

D o r

A dor que a todos esbarra
 Na luta que o mundo acirra,
 Às vezes, provoca birra,
 Tristeza, choro, algazarra...

No entanto, é a mestra bizarra,
 Ante a qual a sombra espirra.
 E, embora grite «arre!» ou «irra!»,
 Da vida se desagarra.

Se o fel se te fêz masmorra,
 Pedes a Deus que te socorra,
 Na angústia que se te aferra...

Mas não te faças caturra,
 A dor que nos segue e surra
 E' a bênção maior da Terra.

ALFREDO NORA

Ante a verdade

Desditoso quem foge ao sol da crença
 E à treva da vaidade se confia...
 Porque a morte descerra novo dia
 Onde a noite da carne se condensa.

Mais quisera servir sem recompensa
 Na estamemha do escravo sem valia
 Que dominar na estrada escura e fria
 Por lodo e sombra ante a verdade imensa...

Todo ouropel terreno se resume
 À lanterna de pobre vagalume,
 Mostrando claridade fementida!...

Só aquele que, humilde, se prosterne
 No santo esforço para a Luz Eterna
 Sobe à glória dos píncaros da vida...

LEOPOLDO DE BULHÕES

Essa mendiga...

Essa mendiga que passa
 Vestida de trapo ao vento,
 De rosto cansado e atento
 Aos óbolos que lhe dão...
 Quem sabe porque te busca,
 Na dorida caminhada,
 Para deter-se humilhada,
 Pedindo socorro e pão?

Não digas: «mulher da rua»,
 Nem penses «mulher sem jeito».
 Guarda silêncio e respeito
 Se nada tens para dar,
 Que essa pobre, onde aparece,
 Tem a tristeza por guia,
 Por refúgio, a noite fria,
 E, às vezes, o chão por lar.

Ao recebê-la, medita
 Em tua mãe viva ou morta,
 Jamais lhe cerres a porta,
 Nem lhe indagues de onde vem;

Dá-lhe um momento de apoio
 A marcha triste e insegura,
 Em meio da desventura,
 Talvez seja mãe também.

Recorda a infância risonha
 Em tua casa florida,
 As horas plenas de vida,
 A mesa farta ao dispor...
 As doces lições da escola,
 Entre o recreio e a merenda,
 A bola, a peteca, a prenda
 Nos brincos de puro amor!...

Lembra a ternura materna,
 Como estrela, em toda parte,
 Teu pai chegando a beijar-te
 Aos meigos abraços teus...
 Durante o dia, os folguedos
 Que a segurança entretece,
 De noite, a bênção da prece
 E o sono pensando em Deus.

Reconsidera contigo
 Que essa mulher, entretanto,
 Nasceu num berço de pranto
 E de pranto vive assim...
 Cresceu, rogando na rua
 O pranto da vida amarga,
 Sem que lhe visses a carga
 De mágoas quase sem fim.

Acolhe-a com caridade,
Restaura-lhe a força e diz
A frase que lhe amenize
O peso da própria cruz.
Deus te manda essa mendiga,
A fim de saber, ao certo,
Se estás mais longe ou mais perto
Da redenção com Jesus.

IRENE S. PINTO

Rogativas

Implora do Senhor o modo de encontrar
A lavoura do bem, no pouso da esperança,
O distrito de amor, onde o sonho descansa
Nas doces emoções da ventura no lar...

Ora e suplica ao Céu não te deixe guardar
Pedradas, aflições ou mágoas na lembrança,
Roga, confiantemente, a paz em que se alcança
Alegria, consolo, apoio, bem-estar!

Exora segurança, amparo, bênçãos, luzes,
Na santa exaltação da estrada a que te induzes,
Trabalhando e servindo em louvor do Dever;

Mas pede a Deus te dê na fé que te elucida
A luz do entendimento, ante as provas da vida,
A coragem da fé e a força de vencer!...

ZEFERINO BRAZIL

Oração ao céu do Brasil

Céu do Brasil, da glória em que te estrelas,
Na mensagem de paz ao mundo inteiro,
Guarda os astros sublimes do Cruzeiro
Por nossas avançadas sentinelas.

Recebe as nossas súplicas singelas
E derrama no solo brasileiro
As bênçãos do Divino Timoneiro,
Das quais, ditoso e lindo, te constelas!...

Faze da terra que nos abençoa
Florão de amor e rútila coroa
Para o trono do bem, puro e fecundo;

E faze-nos, no imenso campo humano,
Servidores do Cristo Soberano
No iluminado Coração do Mundo.

PEDRO D'ALCÂNTARA

Sublime encontro

Se procuras o Cristo Soberano,
Por excelso refúgio às próprias dores,
Busca, hoje e amanhã, por onde fores,
O torturado coração humano.

Desce ao vale dos grandes amargores,
Onde revelam sofrimento insano
A aflição, a miséria e o desengano,
Entre flagelos purificadores.

Desce à feição do sol na noite fria,
Guardando a caridade por teu guia,
Ajudando e servindo a cada hora...

E, ante a luz da Divina Primavera,
Encontrarás o Cristo que te espera,
Crucificado em cada ser que chora.

AUTA DE SOUZA

Desengano

O avarento Juquinha Vigilato
Tinha nota e mais nota, a mala cheia,
E morava num rancho de correia,
Quase à beira do rio Carrapato.

Se um mendigo pedisse um pão no prato,
Respondia: «Ah! meu filho, a vida é feia!
Se eu tivesse um tostão para candeia,
Não passava uma noite aqui no mato.»

Veio um ano chuvoso... De repente,
Desceu de madrugada enorme enchente,
Chuvarada de tempo carrancudo...

Juquinha trepou logo num salgueiro,
Mas, enquanto gritava: «Ai, meu dinheiro!...
A enchente levou nota, mala e tudo.

CORNÉLIO PIRES

Enquanto

Enquanto há céu azul para teus olhos,
Deixa que a luz de Deus te ajude e guarde
E reflète-lhe as bênçãos para a vida,
Antes que seja tarde.

Enquanto o pensamento claro e belo
Em teu cérebro puro vibra e arde,
Cultiva a ideia nobre e redentora,
Antes que seja tarde.

Enquanto moves tuas mãos robustas,
Estende o bem, servindo sem alarde.
E ampara a todos, generosamente,
Antes que seja tarde.

Enquanto a boca lúcida te exprime,
Foge à treva maligna e covarde
E esquece o verbo deturpado e louco,
Antes que seja tarde.

Embora a dor e o pranto, não permitas
Que a tua fé sublime se abastarde...
Abraça a luta e segue para a frente,
Antes que seja tarde.

Não olvides que o túmulo te espera
Sem que a pompa terrena te resguarde.
E busca em Cristo a Vida Soberana,
Antes que seja tarde.

JOÃO COUTINHO

Suicida

Preso e liberto, em treva e luz, a simultâneo
Jogo de angústia e horror, junge-se à carne morta...
Varara a sepultura, agredindo-lhe a porta,
Estraçalhara a tiro as tenebras do crânio.

Desencarnado, enfim, mas cativo à comporta
Da consciência a esvurmar-lhe o cérebro vulcânico,
Foge à furna e recua a terror instantâneo,
Chora e espanta-se mais, grita e se desconforta...

Suicida!... Morto e vivo, arrasta-se, tateia,
Ergue-se, treme, cai... Respira lodo e areia,
No recinto abismal, sofre a verdade crua...

E, lá fora, a esperá-lo, o caminho opulento,
O céu, a terra, o lar, a fonte, a flor, o vento...
Buscara a morte em vão... A vida continua!...

HONÓRIO ARMOND

Caso de morte

A morte que vem à vida
Na força do Eterno Bem
E' visita inesperada
Que não faz mal a ninguém.

Na criatura cansada
De doença ou provação,
Ela aparece na estrada
Por doce libertação.

Mas a morte provocada,
Por mais que a luta nos doa,
E' fruto amargo no tempo
Que estraga qualquer pessoa.

Quem pede para morrer
Sem calma e fé, a contento,
Na hora solicitada
Encontra arrependimento.

Nesse passo, meus amigos,
Vou contar-vos, tal e qual,
Um caso que aconteceu,
Na Fazenda do Brejal.

Nhá Quirina casada com Nhó João
Pedia, ao Céu, em prece repetida:
— «Quero a morte, meu Deus!... quero outra vida...
Este mundo é só fel e confusão.»

Tanto rogou, clamando na oração,
Que tombou de uma febre, em recaída,
E, certa noite, a morte, de corrida,
Veio ao quarto buscá-la, de arrastão...

Ela acordou aflita em tosse brava,
O esposo, junto dela, ressonava,
Enquanto viu a morte, olhando os dois...

Nhá Quirina encolheu-se num gemido
E resmungou, no canto do marido:
— «Leva agora Nhó João, que eu vou depois!...»

CORNÉLIO PIRES

Fim de prova

(Versos dedicados a conhecida rainha europeia, que tive a felicidade de servir, há menos de quatro séculos, e que reencontrei reencarnada, no clima redentor de um leproário, em honroso término de provações purificadoras.)

Lembro-te, velha amiga, o cetro de rainha!...
 Crias dominações por láureas prediletas...
 Mandas!... No entanto, oh! Deus, daquilo que decretas
 A penúria se expande e a lágrima caminha!...

Deixei-te, há longo tempo, entre as arcas repletas...
 Hoje, quis reencontrar-te, oh! soberana minha,
 E achei-te reencarnada, anônima e sôzinha,
 Num catre de aflição, gemes, sonhas, vegetas...

Dos colares e anéis que te enfeitavam tanto,
 Tens chagas por rubis e pérolas de pranto!...
 E soffro ao ver-te a lepra em purpúreas verminas...

Mas louva, oh! soberana, a angústia transitória!...
 Pela dor subirás ao reino de outra glória,
 No teu coche real de açucenas divinas!...

EPIPHANIO LEITE

Dona Branca

Na mansão, Dona Branca, agitando as mãos finas,
 Exclama: «Pobres, não!»... E, irônica, acentua:
 — «Mendigo é na cadeia e miséria é na rua...»
 E os pedintes se vão a férreas disciplinas.

Chora a penúria em torno e há festas libertinas,
 Dorme-se à luz do sol e regala-se à lua...
 Numa noite brilhante, a morte se insinua
 E furta Dona Branca ao mar de serpentinhas...

Desencarnada agora, a mente se lhe atrela
 A miragens febris!... Crê-se adornada e bela,
 Nada conserva além da sombra em que se touca...

E, mulher que fugira ao serviço fecundo,
 Dona Branca, algemada às lembranças do mundo,
 Baila na própria campa em frêmitos de louca.

SILVA RAMOS

Reencarnação

Reencarnação é façanha
Em que a vida se acabrunha.
A carne nos pega à unha,
Na treva em que se emaranha.

E surge esta coisa estranha:
Cada qual é testemunha
Do passado que se empenha
Do presente que se apanha.

Feliz de quem se componha
Na estrada clara e risonha
Do bem que a salvar se empenha.

Alma que ao corpo se aninha
Serve, segue e vai na linha
Ou recua e leva lenha.

ALFREDO NORA

Aspiração

Cansei-me, enfim, Senhor, das grandezas terrenas!...
Verdugo, comandei por séculos sem data,
Da tirania cita ao fastígio sarmata,
Das cidades do Nilo aos muros de Micenas...

Dos conselhos de Esparta aos galarins de Atenas,
A púrpura adornou meus braços de ouro e prata...
Depois, rolei no pó da ambição insensata,
Das conquistas de Roma às iras sarracenas!...

Hoje, aspiro a olvidar o orgulho, o fausto, a glória,
Reencarnar-me e sofrer na carne transitória,
Aprendendo a ser brando, humilde e pequenino...

Quero dar-te, Senhor, entre os dons que procuro,
Um coração de servo em sentimento puro,
Nas preces virginais da crença de um menino!...

MACIEL MONTEIRO

Deus te abençoe

Deus te abençoe o gesto de carinho,
Alma da caridade, branda e pura,
Pela migalha de ventura
Aos tristes do caminho.

Deus te abençoe a refeição sem nome
Que trazes, cada dia,
Aos cansados viajores da agonia
Que esmorecem de fome.

Deus te abençoe a roupa restaurada
Com que vestes, contente,
A penosa nudez de tanta gente
Que vagueia na estrada...

Deus te abençoe a bolsa de esperança
Que abres, a sós, sem que ninguém te espreite,
Para a gota de leite
Destinada à criança...

Deus te abençoe o pano do lençol,
Com que envolves, em doce cobertura,
Os enfermos que choram de amargura,
A distância do sol.

Deus te abençoe, por onde fores,
E te conserve as luzes,
Em que extingues, removes ou reduces,
Os problemas, as lágrimas e as dores!

Deus te abençoe a fala humilde e santa,
Com que aplacas a ira
Da calúnia, do escárnio, da mentira,
Na frase que perdoa e que levanta.

Caridade, que o teu nome ressoe,
Pleno de amor profundo,
E por tudo o que fazes neste mundo,
Deus te guarde e abençoe!...

IRENE S. PINTO

O Avarento

Vivera encastelado entre pepitas de ouro,
 Conservava os dobrões em constante revista...
 Padecera penúria, avaro e calculista,
 Para afagar, sòzinho, o metal frio e louro.

.....

Por mais a angústia, cerce, implore, clame e insista,
 Dar lhe parece ater-se à loucura e ao desdouro;
 A ambição pede mais para o tempo vindouro,
 Mas o tempo galopa e a morte surge à vista.

Regela-se-lhe o corpo em triste pesadelo!...
 Afanam-se na cova os vermes para vê-lo...
 Ele acorda, estremece, agita-se, reclama...

Dementado, a razão, por fim, se lhe tresmalha,
 Crê-se no leito antigo, ao toque da mortalha,
 E vê ouro e mais ouro onde há lama e mais lama.

JOSÉ CIRILO DAS CHAGAS

Caridade

Ei-la que surge em segredo,
 Onde a lágrima aparece;
 E' bálsamo, luz e prece,
 Sobre as chagas da aflição...
 E' o anjo que acorda cedo
 E abraça a Terra sombria,
 Estendendo a melodia
 Que nasce do coração.

Aqui, é a bênção da escola
 Que fulge, expulsando a treva,
 Na doce voz que se eleva,
 Para ajudar e instruir.
 Ali, é o pão que consola
 Os filhos da desventura,
 Além, é a fé clara e pura,
 Que acena ao sol do porvir.

Agora, é a gota de leite,
 Nos lábios da criancinha,
 Que, esfarrapada, caminha,
 Sem a carícia do lar...

Depois, é o sublime enfeite
Da palavra humilde e boa,
Da esperança que abençoa
A glória de renovar.

Nutre, socorre, agasalha,
Ampara, educa, ilumina...
E' como estrela divina,
Que não se nega a ninguém.
Sabe fazer da migalha,
Que Nosso Senhor lhe envia,
O milagre da alegria,
Que espalha o calor do bem.

A desfazer-se em carinho,
Sustenta, acalma, levanta,
Por mão generosa e santa,
Que vence a miséria e o mal;
Onde ela passa, o caminho,
Inda mesmo em sombra e prova,
E' sempre alvorada nova,
Em brilho celestial.

De onde vem? Quem sabe ao certo?
Isso é vã curiosidade.
E' sòmente Caridade,
A irmã da Divina Luz.
Mas quem a busque de perto,
Sem azedume ou cansaço,
E, em tudo, lhe siga o passo
Alcança o amor de Jesus.

IRENE S. PINTO

O tesouro

Certa noite, num sonho, ao pé do gado,
Um Espírito falou a Nhô Tatão:
— Meu filho, pega a enxada e cava o chão,
Tens contigo um tesouro abandonado!...

Ele cavou três anos no cerrado,
Mas nem ouro, nem cobre... Tudo em vão...
Desenxabido, foi para a sessão
E perguntou, chorando, a Irmão Conrado:

— Ah! meu irmão, que faço do meu sonho?!...
Nada encontrei no trabalhão medonho...
A riqueza perdida onde estará?!...

Mas o guia explicou: — «Meu filho, insiste!
O tesouro é teu chão parado e triste...
Semeia, Nhô Tatão!... Plantando dá.»

CORNÉLIO PIRES

Deus conta contigo

Ouço-te, às vezes, coração amigo,
Em torno ao bem, numa questão qualquer:
— «Farei... Conseguirei... Conta comigo...
Se Deus quiser, se Deus quiser...»

Mas não te alteres, a pretexto disso.
De segundo a segundo, estrada a estrada,
A Vontade de Deus é revelada
Em bondade e serviço.

Fita os quadros da gleba, campo afora;
Tudo o que existe, vibra, luta e sente,
Serve constantemente,
Dia-a-dia, hora a hora!...

De alvorada a alvorada, o Sol fecundo,
Sem aguardar requerimento,
Garante sem cessar o equilíbrio do mundo
De seu carro de luz no firmamento.

A fonte, a deslizar singela e boa,
Passa fazendo o bem,
Dessedenta, consola, alivia, abençoa
Sem perguntar a quem...

Sem recorrer a humanos estatutos,
Nem a filosofias enganosas,
A laranjeira estende os próprios frutos,
A roseira dá rosas...

O lírio não se ofende, nem reclama:
Sobre a terra onde alguém lhe deitou a raiz,
Seja em vaso de estufa ou num trato de lama,
Desabrocha feliz.

Assim no mundo, coração amigo,
Faze o bem onde for, seja a quem for;
Em toda parte, Deus conta contigo
Na tarefa do amor.

MARIA DOLORES

Glória ao bem

Embora a angústia que te rasga o peito,
Lacerando-te o ser, exausto e aflito,
Chagado crente de celeste rito,
Vive o culto do Amor, puro e perfeito.

Atormentado, exânime, proscrito,
Sob as flagelações do trilho estreito,
Ergue a flama sublime do Direito,
Alçando a frente à glória do Infinito!...

Sacrifica-te e sofre, mas não temas...
Vence a aflição das últimas algemas,
Rompendo a ganga dos terrestres lastros!

E, ave fugindo aos cárceres medonhos,
Remontarás, além dos próprios sonhos,
No roteiro mirífico dos astros.

CRUZ E SOUZA

Mensagem da compaixão

Se alguém te assalta o nome e a vida te alanceia,
Se a pancadas verbais te enlameia ou esbordoa,
Se alguém colado à treva ilaqueia e atraíçoa,
Compadece-te e olvida a prepotência alheia.

Se a galhofa te zurze e o ódio te guerreia,
Inflamando-te a senda e a intenção clara e boa,
Não te prendas ao mal! Ama, serve, abençoa!...
O desforço envenena, a mágoa desnorteia.

Se alguém te encharca em fel o peito opresso e pasmo,
A compressões de angústia e a golpes de sarcasmo,
Sê bálsamo do Céu na estrada onde transites!...

Nada te turve a paz do amor terno e profundo,
De passo a passo, trilha a trilha, mundo a mundo,
Deus é a bondade eterna e o perdão sem limites.

CARLOS BITTENCOURT

Solilóquio

Os torvos corações, náufragos de mil vidas
 Distantes de Jesus, que nos salva e aprimora,
 Sob o guante da dor, caminham de hora a hora,
 Para o inferno abismal das almas consumidas...

Sementeiras de pranto, aflições e feridas,
 No pecado revel que os requeira e devora...
 Depois, a escuridão da noite sem aurora
 E o sarcasmo cruel das ilusões perdidas...

.....

Alma triste que eu trago, ensandecida e errante,
 Porque fugiste, assim, no milagroso instante?
 Porque rogar mais luz, se, estranha, te sublevas?

Ah! Misera que foste, hesitante e covarde...
 Não lamentos em vão, nem soluces tão tarde...
 Procuremos Jesus, além de nossas trevas!

JOÃO GUEDES

Jesus

Reis, juizes, heróis, generais e tiranos,
 Entre o ouro e o poder, de vitória em vitória,
 Comandaram na Terra a vida transitória,
 Erguendo sobre o povo os braços soberanos.

E passaram fremindo, arrojados e insanos,
 Ébrios de ostentação e famintos de glória,
 Detendo-se, porém, nos túmulos da História,
 Relegados à dor de cruéis desenganos.

Mas o Cristo, na palha, humilde e pequenino,
 Traz consigo sômente o Coração Divino,
 Na exaltação do bem que ilumina e socorre...

E, brilhando por sol generoso e fecundo,
 Em todas as Nações que engrandecem o mundo
 E' sempre o Excelso Rei do amor que nunca morre.

AMARAL ORNELLAS

Novo conto de Natal

Natal! A beira da estrada,
Na touceira de capim,
Maria Joana, cansada,
Treme, chora e chega ao fim.

Tem sede com febre alta,
Dói-lhe o peito exposto ao vento
Oitenta anos já somaram
Seus dias de sofrimento.

Os grupos passam cantando,
Do mais rico ao mais plebeu:
— «Glória ao Senhor nas Alturas!
Hosanas!... Jesus nasceu!...»

Ninguém pára, a fim de vê-la,
Todos anseiam chegar,
Quanto mais cedo possível,
À mesa do próprio lar!...

A pobrezinha relembra
A época da saúde,
As alegrias do campo,
Os sonhos da juventude...

Viúva na mocidade,
Vivera escrava ao dever!...
Onde os filhos que tivera?
Quem poderia saber?...

A quantos patrões servira,
De atenção cativa e alerta?
A quanta gente ajudara?
Só Deus tinha a conta certa...

Recorda o arado, a peneira,
As plantações da fazenda,
O milho para o paiol,
A cana para a moenda...

Crianças a tiracolo,
Serviço de casa cheia,
Cozinha laboriosa,
Previsão da fome alheia!...

A roupa suja no rio,
A enxada que não descansa!...
Trabalho!... apenas trabalho
O que lhe vai na lembrança!...

Agora que mais precisa
Colher na leira do bem,
Ninguém lhe estende um lençol,
Não aparece ninguém!...

A pobre desamparada
Às vascas da provação,
Morre, sôzinha e humilhada,
Sem lume, sem lar, sem pão...

Nisso, um jovem surge à vista,
Qual um filho que a buscasse,
Afaga-lhe a fronte humilde,
Acarícia-lhe a face.

Joana vê-se melhorada,
Está contente, mais forte,
A fala volta de novo,
Não mais reflete na morte.

— Maria Joana! — esclarece
O moço atraente e amigo —
Venho buscar-te e saber
Se queres servir comigo!...

Ela responde: — Ah! meu filho,
Já não sei como viver,
Estou velha, desprezada,
Que posso agora fazer?...

Ele pondera: — Serás
Na minha estrada, que é tua,
Mãe das crianças jogadas
Aos sofrimentos da rua.

Serás a irmã dos que choram,
Nas pedras da trilha escura,
Aos sopros do desengano,
Aos golpes da desventura!...

Serás tutora bendita
Dos pobrezinhos ao léu,
Obreira da caridade,
Na Terra como no céu!...

«Quem és?» — ela indaga aflita,
Ao ver-lhe o manto de luz!
Ele diz: — Não me conheces?
Sou teu amigo: Jesus!

Joana agarra-se-lhe aos braços,
Peito opresso, olhos no Além.
Ele se inclina, bondoso,
E abraça Joana também.

O leito andrajoso e triste,
De tanta luz que irradia,
Lembra a furna de Belém
E a palha da estrebaria!....

Os dois partem sempre juntos
Para as estrelas serenas,
Num carro todo enfeitado
De rosas e de açucenas!...

Milhões de vozes no Espaço
— Regozijos no apogeu —
Proclamam de canto a canto:
— «Hosanas!... Jesus nasceu!...»

No outro dia, um caminhante
Procura acordá-la em vão,
Joana morta parecia
Dormir tranquila no chão...

O corpo frio, mostrando
A paz que o verbo não diz,
Era um retrato de Joana
Sorrindo calma e feliz!...

FRANCISCA CLOTILDE

Deus te vê

Deus te vê, alma querida,
Quando te pões na trilha escura,
Para ajudar aos filhos da amargura
Que tanta vez se vão
Como sombras errantes no caminho
— Chagas pensantes ao relento —,
Entre as nuvens do Pó e as pancadas do Vento,
Com saudades do Pão...

Deus te vê a mensagem de bondade
Com que suprimes ou reduces
As provações, as lágrimas e as cruzes
Dos que vagam na rua sem ninguém,
E te agradece as posses que desprendes,
No auxílio ao companheiro em desamparo,
Seja um tesouro inesperado e raro,
Seja um simples vintém!...

Deus te vê quando estendes braço amigo
Aos que carregam lenhos de tristeza,
Doando-lhes o afeto, o abrigo, a mesa,
O remédio, a camisa, o cobertor...
E, por altos recursos sem que o saibas,
Manda que a Lei te aumente os dons divinos,
Em mais belos destinos,
Para a glória do amor.

Deus te vê na palavra com que ensinas
A senda clara e boa
Da verdade que alenta e que abençoa
Sem perturbar e sem ferir...
E determina aos homens que teu verbo
Seja apoiado, aceito
E ouvido com respeito,
Na construção excelsa do porvir.

Deus te vê quando acolhes sem revide
O golpe da pedrada que te insulta,
O braseiro da ofensa, a dor oculta
Em ferida mortal...
E te louva o perdão espontâneo e sincero
Com que ajudas o Céu no trabalho fecundo
De extinguir sem alarde, entre as sombras do mundo,
A presença do mal!...

Deus te vê, através da caridade!...
Mas não só isso... Em paz calada e santa,
Pede alguém que te siga e te garanta
Na jornada de luz!...
E, por isso, onde estás, rujam trevas em torno,
Sofras humilhação, injúria, cativoiro,
Tens contigo um sublime companheiro:
— Nosso Amado Jesus!...

MARIA DOLORES

FIM

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

PARNASO DE ALÉM-TÚMULO

(8ª edição)

Em novíssima edição, tão ansiosamente esperada, reaparece "*Parnaso de Além-Túmulo*", a monumental obra mediúnica que recebeu comentários e críticas de abalizados escritores e cronistas nacionais, entre eles Humberto de Campos, Zeferino Brazil, Edmundo Lys, R. Magalhães Júnior, etc.

Deleitará o espírito do leitor uma das mais ricas coletâneas poéticas, quer pela variedade dos temas e dos ritmos, quer pela perfeição da métrica, quer, ainda, pela espontaneidade e superior inspiração.

Cerca de 50 poetas insignes voltam do Além-Túmulo e vêm, através de quatrocentas e tantas páginas, identificar-se e fornecer, assim, uma das provas "subjetivas" mais robustas em favor da sobrevivência.

FRANCISCO C. XAVIER e WALDO VIEIRA O ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES

(1ª edição)

Preciosa coletânea de trovas e sonetos, todos na-quele inimitável estilo do consagrado poeta e humorista do Estado de São Paulo — Cornélio Pires

Antecede a obra excelente apresentação do doutor Elias Barbosa, que estuda a vida e a obra do inesquecível autor de "*Musa Caipira*", trazendo à baila fatos e curiosidades de uma fértil existência.

Os sonetos e as trovas cornelianos encantam pela originalidade temática, pela graça ou tom jocoso e pelo espírito caipira de muitos versos. Isto não quer dizer que não lhes sobra filosofia e moral em abundância, numa pregação *sui-generis* dos mais belos ensinamentos espíritas.

O livro é ilustrado com um retrato de Cornélio Pires, feito a bico de pena pelo exímio artista *Messias*.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
VOLTA BOCAGE . . .

(2ª edição)

Bocage, considerado pelos poetas e críticos como o príncipe dos sonetistas da Língua portuguesa; Bocage, o gênio cujo nome os despeitados procuraram atassalhar, — nos apresenta agora, em Espírito e pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, uma série de verdadeiras obras-primas, cheias de espiritualidade, encantamento e doçura.

Prefaciado e comentado pelo Prof. Dr. Porto Carreiro Neto, é livro realmente digno de ser lido, relido e perlido.

Sua primeira edição recebeu justos e merecidos elogios, e esta, a segunda, revista e ampliada, tem conquistado novos e ardentes admiradores.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

e
WALDO VIEIRA

TROVADORES DO ALÉM

(2ª edição)

Noventa e cinco trovadores desencarnados transpõem as fronteiras da Morte e vêm encantar-nos a alma com suas maravilhosas quadri-nhas, todas ou quase todas objetivando a edificação moral e espiritual da criatura humana.

Antecede a obra erudito Prefácio do Dr. Elias Barbosa, de quem são igualmente as excelentes notas biográficas no fim do volume.

Muitas e muitas das trezentas e doze trovas são um verdadeiro deleite para o espírito e, guardadas na memória dos que as leram, já andam de boca em boca a espalharem a boa e sã doutrina.

YVONNE A. PEREIRA

**RECORDAÇÕES DA
MEDIUNIDADE**

(1ª edição)

Eis a mais nova e talvez a mais curiosa obra da consagrada coleção pela qual se responsabiliza a respeitável consórcio Yvonne A. Pereira.

Esta autora, assistida por Instrutores da Espiritualidade e orientada pelo Espírito de Bezerra de Menezes, narra agora, a conselho e sob a inspiração deles, um punhado de recordações de sua vida de médium e de espírita.

Do berço até os dias atuais de Yvonne A. Pereira, sucedem-se as reminiscências, as confidências de singular mediunidade, que abrangeu todos os setores da prática espírita e que constitui, a nosso ver, um verdadeiro curso de Espiritismo.

Temos plena certeza do êxito deste livro, cuja leitura agradará a todos os estudiosos, não só pela variedade e força cativante dos assuntos, que também pela linguagem fluente e simples.

Recomendamos entusiasticamente esta nova produção, pois estamos convictos de sua inestimável utilidade para quantos labutam na Seara Espírita.

FRANCISCO C. XAVIER e WALDO VIEIRA

ANTOLOGIA DOS IMORTAIS

Psicografada pelos médiuns acima, é obra que reúne duas centenas de belíssimas produções poéticas, todas objetivando a edificação moral da criatura humana, a mostrar-lhe, igualmente, que a morte é porta para outra vida em que os enganos, os erros, as alegrias e as esperanças tomam cores mais vivas.

O formato grande, o papel de primeiríssima qualidade, a primorosa apresentação gráfica, os retratos de mais de cem poetas brilhantemente biografados pelo Dr. Elias Barbosa, organizador e prefaciador, os estudos críticos — tudo, tudo, enfim, faz de "*Antologia dos Imortais*" um dos mais importantes lançamentos da FEB.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Antologia mediúnica do Natal

Nesta encantadora obra mediúnica misturam-se prosa e poesia para exaltarem a maior data da cristandade, na figura excelsa do Divino Mestre Jesus.

Dezenas de autores espirituais vêm, um pós outro, ofertar-nos as suas mensagens natalinas em pensamentos de gratidão e amor, de esclarecimento e consolo, de esperança e renúncia.

A obra toda é um convite para a vida maior. Ao mesmo tempo que nos deleita pela beleza de suas páginas, traça, com segurança, o roteiro da verdadeira felicidade.

O leitor maravilhado encontrará, em oitenta capítulos, um mundo de significativas meditações em torno do Natal, compreendendo que todos nós poderemos fazer dos nossos corações a morada permanente do Salvador.